

A LIAHONA

Dezembro de 1966





A IGREJA RESTAURADA

Uma interessantíssima introdução histórica ao mormonismo e ao seu povo. Com magníficas ilustrações a 4 côres. Um perfeito presente de Natal para amigos e investigadores e magnífico auxílio para missionários. Preço Cr$ 7.000.

A PALAVRA DE SABEDORIA E VOCÊ

Dedicado à pureza da juventude, trazendo discussões, destinadas a fortalecer os jovens contra os males da atualidade. Como disse o Apóstolo Petersen, "Não há substituto para os fatos e nenhum inimigo como a ignorância". Preço Cr$ 900.

JUVENTUDE E A IGREJA

Especialmente destinado aos atuais problemas da juventude, destacando a importância da escôlha de um viver reto, de conformidade com as doutrinas do mormonismo. Leitura inspiradora, bem apropriada a um presente de Natal. Preço Cr$ 750;

VOCÊ PODE APRENDER A FALAR

Um importante e valioso instrumento para todo membro da Igreja: como criar e proferir discursos vívidos e eficazes, como expressar-se mais claramente. Os jovens e os adultos beneficiar-se-ão grandemente com esta ajuda. Ótimo presente de Natal. Preço Cr$ 1.100.

O LIVRO DE MÓRMON

Em primorosa apresentação em percaline com gravações douradas e sobrecapa plastificada, a quatro côres, êste importante testemunho histórico da vinda de Jesus Cristo ao continente americano constitui uma ótima sugestão para um presente de Natal. Preço Cr$ 1.100 (com capa Cr$ 1.500).

FAÇA DO NATAL
UMA FESTA DE SABER
COM OS LIVROS DO CENTRO EDITORIAL

A LIAHONA

DEZEMBRO DE 1966 — VOL. XX — N.° 12

Editor:
Hélio da Rocha Camargo

Redatôra:
Laís N. Manzotti

Fotógrafos:
Rui Marques Bronze
Floriano Peixoto da Costa

Tradutores:
Francisco Máximo C. da Silva
José Vieira Neto
Merly Pikel
Regina Kauag
Tereza Cristina da Rocha Costa

*

A Revista *A Liahona*, editada pelo *Centro Editorial Brasileiro*, é o órgão oficial em língua portuguêsa da estaca e missões brasileiras de *A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias*. Acha-se registrada sob número 93 do Livro B, nº 1 de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme Decreto nº 4.857, de 9-11-1930. Composta e impressa na Editôra Gráfica Rossolillo Ltda. — Rua Rui Barbosa, 333, São Paulo.

*

Centro Editorial Brasileiro: R. Afonso Braz, 464, 3º, cj. 31 — fone 61-2344 — São Paulo, SP. *Missão Brasileira*: R. Henrique Monteiro, 215 — C.P. 862, São Paulo, S.P. — fone 80-4638. *Missão Brasileira do Sul*: R. General Carneiro, 490 — C.P. 778, Curitiba — PR — fone 4-8016.

*

Os artigos desta edição foram traduzidos de *The Improvement Era, The Instructor, The Relief Society Magazine* e *The Children's Friend*.

*

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar sòmente os artigos solicitados pelo editor.

*

PREÇOS:

Brasil: Ano	Cr$	3.000
Exterior: Ano	US$	4.00
Exemplar:	Cr$	300
Número anterior	Cr$	600

Nossa capa: No transcurso de mais esta festiva data da cristandade, saudamos os nossos prezados leitores com a visão celeste de anjos anunciando o nascimento do nosso Salvador.

Então é disso que são feitos os meninos? 8
"De vez em quando um homem contempla nostàlgicamente o vácuo e diz com saudade..."

A glorificada esfera da mulher 14
"Tenho certeza de que vocês, sendo mulheres, não sabem o que um simples homem sente diante de vocês..."

Pensamentos sôbre Cristo e o Natal 22
Pensamentos dos presidentes da Igreja, sôbre o Homem dos homens.

Mensagem de Natal 25
Mensagem natalina do Presidente Lloyd R. Hicken, da Missão Brasileira.

E com prazer 26
"O espírito de Natal não se insinua em nossa mente em um dia ou um ano, mas gradualmente..."

Memórias de Natal 38
Carta do Presidente Joseph F. Smith a um filho, relatando algumas experiências pessoais que serão lidas com ternura.

SEÇÕES

Mensagem de Inspiração 4
Sacerdócio de Melquisedeque 6
Sacerdócio Aarônico 12
Ciência e Religião 17
Escola Dominical 28
Página Feminina 30
Notícias 33
Meu Cantinho 34
Juventude da Promessa 36
Jóias do Pensamento 41
Programa Noite Familiar 43

A Luz do Mundo

"Ora havia naquela mesma comarca pastôres que estavam no campo, e guardavam durante as vigílias da noite o seu rebanho.

"E eis que o anjo do Senhor veio sôbre êles, e a glória do Senhor os cercou de resplendor, e tiveram um grande temor.

"E o anjo lhes disse: Não temais, porque eis aqui que vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo.

"Pois, na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor."

Tal é parte da primeira mensagem de Natal!

Salt Lake City nesta noite de Natal está brilhante, com as luzes de um milhão de lâmpadas.

A noite de Natal, em Belém, a dois mil anos atrás era escura, exceto talvez por umas poucas tochas visíveis aqui e ali.

Ainda assim, nessa humilde cidade, não obstante histórica, foi anunciada a primeira história de Natal, e nela a Luz do mundo nasceu.

Quão diferentes eram então as condições do mundo do que o são nesta noite! Sem ferrovias, automóveis, navios a vapor, rádios, televisão, teria sido considerado "fora de si" o homem que apenas mencionasse a possibilidade de se transportar passageiros num transporte aéreo, ou de se ouvir uma voz do outro lado da terra.

Sim, em coisas materiais, na ciência e na invenção, o mundo fêz um maravilhoso progresso; mas, o que dizer quanto ao seu avanço nos verdadeiros



valores da vida — aquêles, por exemplo, proclamados pelas hostes celestes — fé e reverência pela Deidade —

PAZ — FRATERNIDADE?

Gosto de pensar que o homem tem progredido nestas matérias fundamentais, embora ainda esteja atrasado e muito atrás das suas fenomenais realizações científicas e materiais.

A anunciação do primeiro Natal é a mais doce história jamais contada — a mais doce história porque dos princípios eternos enunciados — as "novas de grande alegria" — deveriam ser "para todo o povo." A luz do mundo deveria brilhar em cada coração.

Os incidentes associados ao nascimento do Menino de Belém ilustram belamente êste fato. Quando, cansados e desgastados pela viagem, José e Maria entraram na sua cidade natal de *Bet Lahm,* esperavam conseguir alojamentos confortáveis, mas "não havia lugar para êles na estalagem". Sòmente as mães podem compreender o agudo desapontamento e a terrível ansiedade de Maria ao sair da estalagem com José e entrarem novamente na escuridão para buscar abrigo em outra parte. A cidade estava apinhada, mas entre as multidões não havia amigos para ajudar, nenhuma face familiar para aliviar os pesados sentimentos de solidão — uma mãe grávida necessitando do melhor, das mais confortáveis acomodações, e não obstante sem encontrar uma porta aberta, ou um leito sôbre o qual repousar!

Bem, para citar um escritor moderno, Herbert Epough: "A providência tem uma maneira de dirigir os melho-

Mensagem Natalina do Presidente David O. McKay

res planos dos homens, e de ajustar seus erros a um plano maior, divino. Soou a hora do advento do *Libertador do mundo*, e o *Senhor de Todos* é anunciado ao mundo num estábulo.

"De como a mão orientadora do Senhor dos mundos dirigiu a encenação dêste que é o maior dos dramas, o tempo tem dado testemunho."

Informados por divina revelação, os humildes pastôres disseram: "Vamos pois até Belém, e vejamos isso que aconteceu, e que o Senhor nos fêz saber,... e acharam Maria, e José, e o Menino deitado numa manjedoura."

Os sábios do oriente foram guiados a Êle através do canal do conhecimento — "E, entrando na casa (não no estábulo), acharam o menino com Maria sua mãe e, prostrando-se, o adoraram; e, abrindo os seus tesouros, lhe ofertaram dádivas: ouro, incenso e mirra."

Quando, oito dias após, Maria, de conformidade com a Lei Mosaica levou seu filho ao Templo, Simão, um homem "justo e devoto", recebendo o testemunho do Espírito Santo, reconheceu o menino como o "Cristo do Senhor". Tomando-o nos braços, louvou a Deus e disse: "Agora, Senhor, despedes em paz o teu servo, segundo a tua palavra: pois meus olhos já viram a tua salvação."

Foi assim mostrado no Primeiro Natal que todos — os humildes, os instruidos, os ricos, os grandes — que sinceramente buscam a Cristo, encontrá-lo-ão e se tornarão uma só mente numa divina fraternidade da qual Cristo é o Cabeça.

As barreiras sociais e raciais, as diferenças econômicas são superadas na Presença de Cristo. Até mesmo o ódio e a amargura, a inimizade e a discórdia cedem ao espírito de *boa vontade*.

Uma notável ilustração dêste fato ocorreu no campo de Flandres, na Primeira Guerra Mundial, em 24 de dezembro. Inglêses e alemães tinham combatido como sòmente odiados inimigos podem combater, e como resultado, camaradas tinham sido feridos e outros jaziam mortos.

Quando, na manhã seguinte (25 de dezembro) o sol brilhou sôbre as trincheiras, alguém gritou ao inimigo: "Hoje é dia de Natal!" Então seguiu-se uma troca de saudações — a princípio cautelosa e mesmo desconfiada. Em poucos momentos as baionetas e as bombas foram postas de lado, e entre as trincheiras, inimigos confraternizaram-se como amigos por um breve período. Por umas poucas horas o espírito do Natal penetrou seus corações, e êles agiram como sêres humanos.

Se tal situação pode prevalecer por um dia no campo de batalha, certamente não é inconcebível que os homens cristãos possam algum dia tornar tais relações permanentes nas atividades diárias da vida.

Jesus ignorou as nacionalidades; nem fêz Êle acepção de pessoas. "Moisés foi um hebreu; Sócrates um ateniense; Buda um indiano; Maomé um árabe; Gladstone um inglês; Lutero um alemão; e Lincoln um norte-americano; mas Jesus pertence a todos nós. Êle é o Homem Universal — o caráter perfeito.

Tal como disse na Galiléia, assim diz a todos os povos neste dia: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei.

"Tomai sôbre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para as vossas almas."

Nesta Noite de Natal, quando a escuridão envolve a terra, cada um de nós nos retiraremos com absoluta confiança de que a noite passará e na manhã de Natal a terra será outra vez iluminada com a luz do dia. Disto não temos a menor dúvida.

Êste velho mundo está envolto na escuridão da intolerância, do fanatismo, da descrença em Deus e na desconfiança do próximo, resultando na má vontade e na discórdia. Por quatro mil anos ou mais, a raça humana tem tateado nestas trevas, buscando em vão uma luz que a dissipe. Cegamente têm os homens trazido sôbre êles mesmos os males do antagonismo, a miséria da contenda, a amargura da discórdia e os horrores da guerra.

Tão absoluta quanto a certeza que tendes em vossos corações, que esta noite será seguida da alvorada do amanhã, tal é a minha certeza de que Jesus é o Salvador da Humanidade, a Luz que dissipará as trevas do mundo, através do Evangelho Restaurado por revelação direta ao Profeta Joseph Smith.

Por isso eu oro fervorosamente em Seu nome, cujo nascimento o mundo cristão comemora.



Sacerdócio de Melquisedeque

Balanço anual de um Bispo

adaptado de um artigo do Bispo Harold W. Schreiber, da Ala Eldredge, Estaca de Granite Park, em Salt Lake City.

Olho para as quatro paredes do meu pequeno escritório no edifício da ala e avalio os eventos que já se cumpriram neste espaço. Penso nas entrevistas que tive com membros em dificuldade e sinto-me grato quando percebo que, com mais freqüência do que poderia esperar, recebi ajuda vinda através da inspiração do Espírito Santo para dar conselhos corretos a essa boa gente.

Os Mestres Familiares foram os que mais me auxiliaram. A maior parte preocupou-se sinceramente com as famílias que lhes foram designadas e mantiveram-me informado, através dos líderes do sacerdócio, sôbre as condições dêsses lares.

Nas avaliações orais que tenho recebido dos líderes do sacerdócio, eu os tenho encorajado a instarem com os Mestres Familiares a seus encargos, para que desenvolvam o interêsse sôbre a situação geral da família e de seus membros, a medida do espírito no lar, como cada um se sente a respeito do Evangelho e a Igreja, se cada um está aproveitando bem o que a Igreja oferece, se alguém está doente e, em caso afirmativo, manter o Mestre Familiar pronto para ungir e abençoar o doente. Êste serviço dedicado à família, muitas vêzes significa que só uma visita não é suficiente, mas são necessárias muitas. Um dos melhores resultados dêste ano é a maneira como os membros do quórum crescem no amor, uns para com os outros, enquanto ministram entre si.

As reuniões semanais regulares do Comitê Executivo do Sacerdócio da Ala têm servido para correlacionar mais efetivamente o trabalho de reativação de membros de tôdas as idades.

Foi necessário muita persuasão para convencer os líderes do grupo que êles precisavam estabelecer uma ocasião certa para receber a avaliação oral de cada um dos Mestres Familiares, mas após isto ter ficado assentado, os Mestres Familiares, confiando na sua regularidade responderam muito melhor. Fiquei contente com a melhoria das avaliações orais. O Mestre Familiar pode visitar o lar, mas enquanto o bispo não souber das condições encontradas lá, o mestre não o estará ajudando. Sinto necessidade cada vez maior de avaliação oral com os líderes do sacerdócio para êste propósito.

Com as reuniões regulares do Conselho da Ala, tenho agora uma organização quase perfeita, para obter as informações de que preciso para controlar a maior parte dos nossos problemas.

O Comitê Executivo tem feito mais do que Ensino Familiar apenas. O líder do grupo dos sumos-sacerdotes tem dado vida à Genealogia, estimulando os membros da ala a procurarem os registros de suas famílias. Em setembro último, em nossa ala, mais de 40% das famílias tinham entregue no mínimo uma fôlha de registro familiar. Se uma família não estava correspondendo, êle chamava a atenção do líder do grupo do quórum para a falha. O resultado foi que os Mestres Familiares daquela família dispenderam ao menos uma visita mostrando à família como usar as fôlhas de registro familiar. As visitas com êste propósito tornaram-se parte regular do ensino familiar.

Além do mais, o que é mais importante para a saúde e felicidade espiritual da família, do que estar ocupado com os registros genealógicos?

Os Mestres Familiares sugeriram que a Noite Familiar seria uma ótima ocasião para êsse trabalho. Uma vez por mês, a maioria das famílias tem usado uma hora dessa reunião para rever seus trabalhos genealógicos.

O nôvo trabalho dos jovens missionários também necessita de atenção constante. O líder do grupo dos setentas tirou completamente essa preocupação de minha mente. Reune-se com os jovens, organiza seus esforços e facilita-lhes os programas especiais de que necessitam para obter sucesso. É de grande ajuda no esfôrço de fazer com que os pais de jovens não membros sejam convenientemente abordados pelos missionários da estaca. Estou agora confiante de que não temos pistas abandonadas neste programa.

Os jovens são realmente uma parte importante nos esforços missionários. Êste setenta reune-se regularmente com os líderes da AMM, nos eventos sociais, para orientá-los sôbre a melhor maneira de ajudarem os jovens missionários em seu trabalho.

Até êste ano passei muito de meu tempo tratando dos problemas e programas de bem-estar. O presidente do quórum dos élderes é um homem ideal para aliviar muito de minha carga.

Os élderes são bastante numerosos em nossa ala. Geralmente são os mais jovens e vigorosos. O quórum pode fàcilmente fazer o trabalho minucioso da assistência aos pobres, ajudando com projetos para as viúvas e reunindo-se de manhãzinha para o trabalho nos projetos especiais de bem-estar.

Eu e meus conselheiros costumávamos passar a maior parte da noite chamando os membros para serviços pessoais. Agora não. Os élderes fazem isso.

Penso com satisfação no tempo em que estávamos aprontando a capela para a inauguração. O grande número de homens do Sacerdócio de Melquisedeque presentes era devido à presidência dos élderes. Êles insistiram com os líderes do grupo dos setentas e sumos-sacerdotes para trazerem seus homens. Naquela manhã parecíamos uma colmeia e a maioria era de nossa ala. Pareceu-me que o serviço tornou os membros mais felizes e a capela foi terminada.

O próximo ano será uma satisfação. Já corrigimos os defeitos de nossa equipe. Agora, observem só, para ver como vamos realmente servir o nosso povo no ano que vem.

Bispo Leonel Abacherli, da Ala São Paulo I (Vila Mariana.) Foto do irmão Floriano P. Costa.

QUINTO CAPÍTULO DA SÉRIE
"ENTÃO É DISSO QUE SÃO FEITOS OS MENINOS?"

O PERÍODO QUENTE E FRIO

W. Cleon Skousen
Chefe de Polícia de Salt Lake City

De vez em quando um homem contempla nostàlgicamente o vácuo e diz com saudade "Quando eu era menino..." Ao falar com tanta ternura de sua infância, os homens estão usualmente recordando os dias felizes e despreocupados dos sete aos doze anos. É o período relativamente sem complicações da pré-adolescência. Os pais não esperam demasiado dêles e a maioria dos garôtos sente o entusiasmo de ser aceito por pais, professôres e mesmo pelos meninos de suas relações. Além disso, pela primeira vez êle desenvolve uma interpretação própria da vida. E conclui que é parte importante dela.

Naturalmente, de vez em quando a engrenagem encrenca e o júnior volta aos velhos dias de bebêzinho. Isto provoca calafrios em seus pais, mas êle geralmente volta a engrenar a tempo de restaurar a confiança ameaçada. De fato, daqui por diante, seus pais já poderão ter vislumbres ocasionais do homem que êle será. Os prognósticos parecem prometedores.

Retrato de um garôto entre os sete e os oito anos

O menino de sete anos mal acaba de ultrapassar a fase de pânico que geralmente envolve os garôtos aos seis anos. É comum os pais encontrarem-se tão esgotados e exasperados que nem podem conter o alívio quando o júnior desliza para a maré baixa dos sete anos. Êles percebem que enquanto o garôto antes agia como se sua única missão fôsse destruir o mundo, agora já procura descobrir como acomodar-se nêle. Repentinamente, o moleque fica racional e razoável, faz perguntas inteligentes e, o que é mais importante, ouve seus pais como quem acredita que receberá respostas inteligentes.

Os pais, no entanto, devem ter o cuidado de não se impôr a um garôto de sete anos. Êle não compreende nem a metade do que seu rostinho atento e seus olhos embebidos parecem refletir. Não obstante, está seguindo na trilha certa. Seu poder de compreensão expandir-se-á enormemente nos anos seguintes.

E porque um garôto entre os sete e os oito anos deseja adaptar-se, procura uma desculpa para todos os seus fracassos. Durante os "maus dias", inventa explicações e álibis e mergulha em profundas crises de auto-comiseração. Êle afirma de si para si, "ninguém me quer" e "acho que eu não presto para nada, mesmo." Em brigas com os outros garôtos, êles lhe garantem em altos brados que essas conclusões são corretas. Naturalmente, o júnior esquece-se de que diz a mesma coisa aos outros meninos, especialmente quando êle faz parte da maioria e o bando está atormentando algum pequeno pária solitário. Meninos de sete anos criticam com facilidade, são cruéis em suas acusações impensadas e estão constantemente julgando o mundo, com um ar de infalibilidade.

Esta conduta é simplesmente o reflexo de uma nova e aguda percepção de que algumas coisas são boas e outras más. É uma situação inteiramente diferente para o júnior, porque não precisa mais que seus pais definam o certo e o errado para êle, já que seus próprios recursos de inteligência começam a segredar-lhe as respostas.

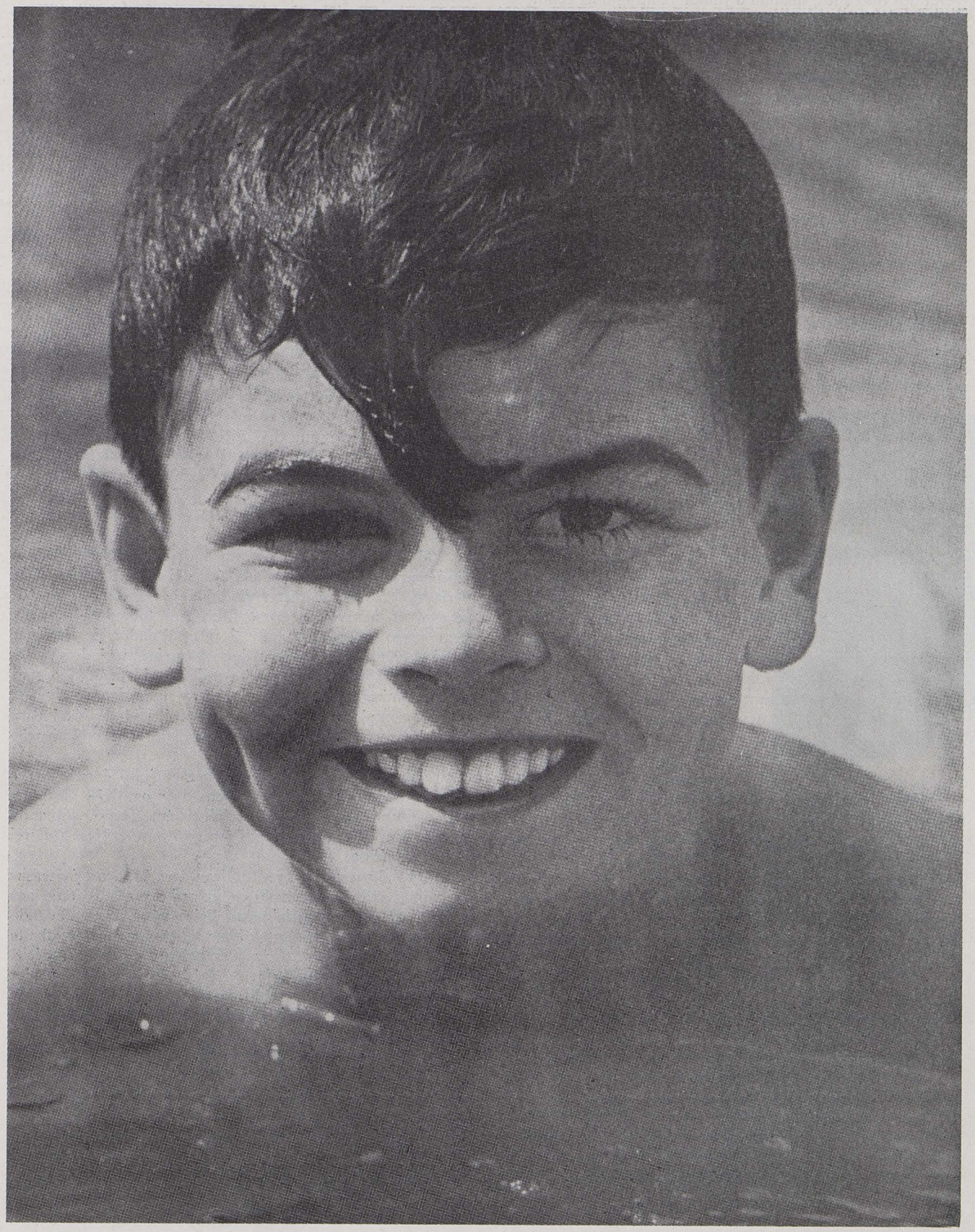
Naturalmente, êle quer estar do lado certo o tempo todo, por isso, sempre que escorrega, procura escondê-lo ou dar desculpas, a fim de salvar as aparências. O garôto faz isto principalmente para ser bem visto ou evitar a vergonha. Êle anseia muito por ser alguém e acha que estar sempre com a razão é vital para conseguir seu objetivo.

Os pais devem ajudar o júnior a adquirir confiança em si. Quando êle se acha em seu alto pedestal de infalibilidade, podem recordar-lhe a importância de ser caridoso para com os outros, e quando se enterra no fundo do buraco, cheio de auto-comiseração, podem lembrar-lhe quantas coisas ótimas êle sabe fazer e que grande homem irá tornar-se se continuar se esforçando.

A idade da responsabilidade

Por volta dos oito anos, quando começa a adquirir uma forte consciência do certo e do errado, o garôto precisa ir sentindo a pressão social da responsabilidade por seus atos. Peritos em criminalidade juvenil descobrem que é freqüente um garôto continuar furtando, mentindo e enganando por muitos anos, por conta de que "é ainda muito criança para ser punido por isso." Mesmo as leis juvenis tendem a minimizar a responsabilidade na juventude, e a sociedade paga um preço elevado sempre que isso acontece.

Recentemente, em Nova Iorque, eu aceitei um convite para visitar o Dr. Manuel Lopez Rey, Diretor de Defesa Social para as Nações Unidas. Êle citou os resultados de uma recente pesquisa de âmbito mundial sôbre delinqüência juvenil, demonstrando claramente que, nos países em que os pais (e a lei) incutem bem cedo nas crianças o senso de responsabilidade por seus atos, registra-se criminalidade juvenil relativamente pequena. Por outro lado, na Dinamarca, Suécia e Estados Unidos, onde os jovens são super-protegidos até quase a idade adulta, aparecem os



mais elevados índices de delinqüência juvenil. O Dr. Rey acha que precisamos começar a exigir responsabilidade por volta dos oito anos, quando o júnior já atingiu as condições básicas de discernimento.

Os especialistas afirmam que conquanto uma criança normal adquira consciência ética por volta dos oito anos, seu senso de honestidade e respeito pela propriedade alheia são ainda frágeis demais para que se espere uma atitude consistente. No entanto, os pais podem trabalhar sôbre êsse alicerce, com a certeza de que, quando o júnior mente ou rouba, êle sabe o que está fazendo e regras disciplinares razoáveis devem ser-lhe aplicadas.

O problema da mentira

As crianças mentem por uma das seguintes razões:
Para evitar punição;
Para obter louvor imerecido;
Para proteger um amigo;
Para despertar espanto ou admiração em seus ouvintes.

Quando um garôto mente, é importante descobrir o porquê. Se fôr por mêdo de punição, deve-se-lhe explicar que o castigo será menor se disser a verdade. (E os pais precisam demonstrar-lhe isso). Se procura louvor, talvez valha a pena esperar até que o pequeno faça algo genuìnamente louvável, para dizer-lhe que já que êle possui coisas *reais* de que se orgulhar, não precisa mais de usar coisas de mentira. Quando está mentindo para proteger um amigo, deve-se arranjar uma forma de êle falar a verdade sem sentir-se culpado ou desleal. Se conta grandes mentiras, só para impressionar, usualmente será influenciado por uma conversa amistosa, mas prosaica, a respeito do assunto, deixando de mentir.



O principal é que os incidentes com mentiras sejam enfrentados, não lhes sendo permitido criar raiz.

O problema do furto

Em muitos aspectos, o furto é semelhante à mentira. Os meninos sabem o que é certo, mas escorregam de quando em vez. Existem diversas razões pelas quais os pré-adolescentes em geral surrupiam coisas, mesmo que saibam que é errado;

Para provar a seus colegas (ou a si próprio) que é esperto e sabido;
Para satisfazer uma necessidade real ou imaginária;
Para tirar desforra;
Para ganhar popularidade, dando presentes.

Qualquer que seja o caso, quando o júnior é descoberto com coisas que não lhe pertencem, os pais conseguem resultados melhores esclarecendo a causa. Se êle furta para impressionar os amiguinhos, é quase certo que os colegas estão roubando também. Por êsse motivo, qualquer medida deve abranger o grupo todo. Se o júnior está tirando coisas que acha que precisa, é importante dar-lhe oportunidade de ganhar o que quer. Nesses casos, usualmente, os pais reconhecem que deixaram de estabelecer um programa de trabalho para o pequeno, assunto que abordaremos mais tarde. Tais programas são em geral muito úteis para afastá-lo da tendência de lançar mão do que não lhe pertence.

Descobre-se ainda que a vingança é também empregada por alguns garôtos como motivo para roubar. A questão aqui é descobrir o motivo da vingança. Às vêzes a ofensa é bem real. Mas um menino não pode atender a uma preleção sôbre honestidade e direitos de propriedade, enquanto não estiver convicto de que a pessoa que abusou dêle também será tratada de acôrdo com a justiça.

Em último lugar, um garôto pode estar furtando para ganhar popularidade. Êle descobre que se pode comprar certas amizades com presentes. Como não tem dinheiro para manter um estoque dessas coisas, rouba-as. O garôto que furta para conquistar amigos é òbviamente um desajustado. A superação dessa dificuldade é conseqüência lógica da solução de seu problema de integração. Naturalmente é preciso verificar primeiro se nos interessa que êle seja aceito pela tal turma cujo favor procura conseguir. Geralmente a primeira providência é fazê-lo elevar seus ideais, para que procure um tipo melhor de camaradagem. Se concluimos que a turma é boa, deve-se procurar uma forma de auxiliar o júnior a integrar-se.

Retrato de um menino entre oito e nove anos

Já se salientou que os oito anos caracterizam-se pelo despertar de uma acentuada consciência ética que faz dêste período a "idade da responsabilidade". E, como já era de se esperar, a maré de nosso filho está subindo. Êle quer ficar moço depressa — já. É um cultuador de heróis e admira certos adultos com devoção quase melodramática. Por êsse motivo, é importante rodeá-lo de pessoas dignas dessa admiração. O pequeno adora histórias de índios, piratas e exploradores, portanto esta é a idade ideal para iniciá-lo em algum clube de escotismo ou organização similar.

Entre os colegas, o nosso homenzinho é enérgico e geralmente capaz de defender seus direitos. Não obstante, aceita uma boa dose de disciplina em grupo. Quando comete um êrro, êle é humilde e tem auto-crítica. "Errei tudo", confessa.

Tem alto espírito aventureiro: cava buracos, faz casas de galhos, trepa no telhado e explora o porão. Como aos quatro anos, êle vagueia pelas vizinhanças, travando todo o tipo de contato — alguns bons, outros maus. É falante e gosta de barganhas. Ao trocar coisas da mesma espécie, tais como uma faca por outra, êle é bem capaz de defender seus interêsses, mas quando se trata de novidades é um crédulo, sujeito a trocar o relógio do pai por uma bússola de cem cruzeiros.

Durante os próximos três anos êle viverá formando turmas ou entrando para algum grupinho das redondezas (que se reúne num esconderijo). Nenhum dêles durará muito.

Como se pode imaginar, esta é uma idade adorável. O garôto torna-se muito apegado a seu pai e geralmente agrada à mãe. Sente-se bem na vida.

Retrato de um menino entre nove e dez anos

Quando o garôto sai dos nove anos, sabemos que êle deve andar em maré baixa, mas não se notam alterações radicais em seu padrão de amadurecimento. A impressão é a de que êle está prazerosamente construindo sôbre a base dos oito anos. Não gosta de ser tratado como bebêzinho e tem maior confiança em si. É cheio de iniciativa e gosta de pôr a cabeça a trabalhar. Consegue também lidar durante horas e horas com mecanismos e brinquedos complicados, sem se aborrecer. Para aperfeiçoar qualquer habilidade, é capaz de recomeçar um sem número de vêzes. Êle é bom leitor, gosta geralmente da escola e deseja aprender coisas novas, como por exemplo nadar, patinar e velejar. Quer fazer parte de um time de futebol ou aprender bola-ao-cêsto. De um modo geral é receptivo a aulas de música e pode-se confiar que estude a lição sòzinho durante uns trinta minutos.

Entretanto, sua tendência é levar as coisas ao extremo e exagerar. Se os pais deixarem, êle é capaz de assistir o mesmo filme três vêzes num dia.

Além disso, o garôto desta idade tem quociente bem baixo de resistência à dor ou desconfôrto físico. E é também irriquieto. Na Igreja, mesmo que esteja apreciando os serviços, êle agita-se e mexe-se. Suas calças domingueiras começam a brilhar com poucas semanas de uso. A maioria dos meninos de nove anos são ainda descuidados com roupas. Êles chegam da escola e atiram a japona e roupas na cadeira mais próxima, completamente esquecidos de que alguém terá de dependurá-las. Às vêzes vale a pena encurtar um pouco sua mesada cada vez que êle se esquece. Mais tarde, quando seu senso de ordem repentinamente florescer, será divertido vê-lo gritar com os irmãos menores. Êle poderá até mesmo dizer-lhes que quando era pequeno "os outros faziam-no apanhar suas coisas." Para os pais é difícil conter o riso, quando recordam que êle quase ignorava seus apêlos de que "apanhasse suas coisas."

Problemas do menino tímido e rejeitado

Neste ponto, deve-se fazer uma pequena pausa para auxiliar os pais que se desgastam preocupando-se com um filho que parece tímido ou anti-social. Êsses garôtos dividem-se geralmente em três categorias. O primeiro tipo não é realmente tímido; êle apenas ignora o grupo de sua idade. Após analisar-lhe a conduta, descobre-se que o menino não é anti-social, mas apenas auto-suficiente. De um modo geral, êle tem passatempos de garôto mais velho, interêsses intelectuais maduros, lê muito e procura a companhia de rapazinhos de mais idade ou de adultos. Os meninos de nove anos aborrecem-no, portanto êle se afasta dêles. Êsse garôto precisa de amigos, mas aceita apenas aquêles que parecem ter interêsses semelhantes aos seus.

Thomas Edson era dêste feitio, e esta conduta é típica de muitos garôtos que se tornam líderes renomados na idade adulta. Contanto que um garôto dêste tipo mantenha atitude sadia para com as pessoas em geral, não há motivo de preocupação.

O segundo tipo é o do garôto super-protegido — o "filhinho da mamãe". Êle é geralmente vítima de uma mãe bem intencionada, mas dominadora, que ronda constantemente ao seu redor como uma galinha choca, cacarejando: "Meu bem, anda logo para não chegar atrasado. Venha cá amarrar o sapato. Deixa que eu penteio melhor seu cabelo. Eu já peguei o seu tenis. Tome o seu lanche. A mamãe já empilhou os livros lá na frente, para você não esquecer. Divirta-se, querido, e volte às cinco em ponto para que a mamãe não fique preocupada."

Quando o júnior brinca com os vizinhos, ela está constantemente interferindo para que êle não seja machucado. Nas brigas, o pequeno não precisa defender seus direitos. Sua mãe o defende. Quando o moleque é trazido para casa por algum adulto, por ter feito qualquer arte própria das crianças, ela coloca-se imediatamente na defensiva. "Não creio! Meu filho não faria isso. O senhor tem coragem de perseguir uma criança!" E quando as pessoas voltam para a rua, o júnior diz de si para si: "Rapaz, arre que desta eu me safei. Tomara que a mamãe continue acreditando que eu não sou capaz de fazer aquilo!"

Òbviamente isto pode redundar em sérios danos para o caráter e a personalidade de um garôto. Tão cedo quanto possível, um menino deve aprender a manter-se sôbre os próprios pés, defender seus direitos e ser responsável pelos próprios atos. Os pais devem encorajar êsse desenvolvimento, sem perder de vista o estágio em que o júnior se encontra. Se fizerem isso, não esperarão demais dêle, antes da hora e, ao mesmo tempo saberão aplicar as pressões na justa medida, para que o pepino seja torcido na direção certa.

O terceiro tipo de personalidade anti-social é o clássico problema da timidez, que se caracteriza pelo complexo de inferioridade. Êste é o garôto que tem mêdo das pessoas. E porque tôda a criança é sensível ao ridículo ou à crítica, adquire fàcilmente sentimentos de inadequação, inferioridade, rejeição ou fracasso. Muitos garôtos demonstram uma timidez excessiva aos dois anos e meio e novamente entre cinco e oito. Mas isto não deve ser motivo de preocupação, a menos que haja uma acentuada conduta anti-social após os oito anos. Entre os oito e os nove, o garôto normal é geralmente capaz de cuidar de seus interêsses e "entrar na dança". Se não o fizer, é porque precisa de auxílio especial, por parte dos pais, mestres e orientadores. O objetivo é incutir-lhe confiança em si e integrá-lo em seu próprio grupo. Nesses casos, o ataque deve partir de quatro flancos:

1. Descubra o que êle sabe fazer pelo menos tão bem quanto os outros;
2. Dê-lhe oportunidade de demonstrá-lo diante do grupo;
3. Procure encontrar algo em que o pequeno ultrapasse os demais;
4. Torne êsse fato conhecido da turma, de forma a despertar admiração.
   (Isto, se conduzido de maneira imprópria, criará ciúme e ressentimento.)

Uma criança tímida pode levar diversos anos de supervisão para sair de sua concha social. No entanto, é comum êsse tipo de garôto possuir boa dose de discernimento e ser muito inteligente. Êle pode vir a tornar-se um adulto notável. / *Continua.*



SACERDÓCIO AARÔNICO

"O Largar das Velas"

por *Mark Nichols* *

A escolha da vocação certa é importante para a viagem da vida. Determinará grandemente ... o largar das velas.

Quase todos os rapazes e um grande número de moças defrontam-se com três importantes decisões na vida: Como cultuarão? Quem esposarão? Que deveriam fazer para ganhar a vida?

Ganhar bem a vida é fundamental para viver uma boa vida. Assim, a escolha de uma vocação se torna uma importante e sagrada responsabilidade.

A escolha é baseada na descoberta

A escolha de uma profissão, diferente da escolha de um companheiro, não é uma proposta "para o tempo e para a eternidade". O trabalhador comum de hoje, exceto para a maioria dos profissionais, pode mudar de profissão três ou mais vêzes durante seus anos de trabalho produtivo. O nível do primeiro emprêgo permanente, entretanto, usualmente determinará os empregos subseqüentes. Desta forma, um operário experimentado ou um técnico, possìvelmente não se tornará um trabalhador inexperiente pelas mudanças de emprêgo; nem um trabalhador inexperiente possìvelmente se tornará um técnico sem considerável treinamento adicional. A escolha e a preparação para a profissão certa (inicial), então, é importante para os jovens porque isto determina grandemente o "largar das velas", no que se aplica à viagem da vida nos mares do nosso sistema de emprêsa privada.

A escolha da profissão certa é baseada na *descoberta* — a descoberta de interesses e aptidões. Um garôto declarou-o dêste modo: "Tudo que se tem de fazer é descobrir quem você é e então decidir qual o caminho a tomar." Afortunadamente, há muitas pessoas para ajudar, dispostas e prontas para oferecer informações sôbre qual caminho tomar. O lar, a igreja e a escola são três instituições que podem oferecer muita ajuda nesse sentido. Parentes, amigos, vizinhos, professôres, conselheiros e outros, todos desempenham importantes papeis na escolha profissional.

O lar

Indubitàvelmente o lar desempenha o mais importante papel em auxiliar os jovens a fazerem a escolha certa. Algumas vêzes, entretanto, os pais desempenham um papel negativo ao ajudar seus filhos a fazer a escolha profissional acertada. Certamente é dever de cada pai santo dos últimos dias ensinar seus filhos que todo trabalho honesto é honrado. A partir da instrução no lar os jovens desenvolvem

atitudes positivas ou negativas e ideais com respeito ao mundo do trabalho.

Um pai tem a responsabilidade de encorajar seu filho a pensar séria e devotadamente acêrca da sua escolha profissional e a tirar vantagem da escola e de outras oportunidades que ajudam a tomar sólidas decisões profissionais. Sólidos ensinamentos no lar tornam as crianças cônscias da sua responsabilidade a êsse respeito e as ajuda a compreender que a escolha da profissão correta é uma importante parte da própria vida.

É um solene dever de cada pai ajudar seu filho a estar preparado a encarar o mundo quando deixar o teto paterno a fim de edificar um lar para si mesmo. Do ponto de vista econômico, isto significa habilidade de ganhar bem a vida, a qual é baseada no treinamento profissional; e êste, por sua vez, é baseado na escolha profissional correta.

Sábio é o pai que avalia compreensivamente os interesses e aptidões do seu filho e dá encorajamento à sua escolha vocacional dentro desta estrutura. A frustração, a infelicidade, e mesmo a tragédia seguem a esteira das decisões profissionais imprudentes, quando os pais forçam seus desejos sôbre os filhos, os quais podem estar em desacôrdo com essas aptidões e interêsses.

A escola

Uma das responsabilidades primárias da escola é ajudar a juventude a fazer sólidas escolhas vocacionais e então oferecer instrução nesses campos. A escola oferece informação profissional, provas com interpretação dos seus resultados, e conselho sôbre as muitas facetas da escolha profissional.

Muita informação profissional é oferecida nos graus elementares. Excursões são empreendidas para observar o povo trabalhando nas várias indústrias. O objetivo de tais experiências é ampliado no ginásio. A secretaria de educação de um dos Estados dos Estados Unidos produziu uma série de 25 filmes sonoros sôbre o "Mundo do Trabalho". Êstes filmes são exibidos aos estudantes de ginásio e oferecem ótimas informações suplementares para conselheiros e professôres, a fim de familiarizar os estudantes com as várias maneiras pelas quais as pessoas ganham a vida.

A divisão vocacional do Departamento de Educação do Estado de Utah produziu oito filmes sonoros numa série conhecida como: "Você e Seu Trabalho". Esta é usada a fim de prover específica informação sôbre o trabalho para matriculados no segundo ciclo do curso secundário, e costumeiramente é exibida a estudantes da terceira série. Os estudantes são informados que há cêrca de 27.000 profissões nas quais as pessoas ganham a vida nos Estados Unidos. Êstes empregos são classificados em dez ou mais divisões, tais como profissional, semi-profissional, administrativa, agricultural, clerical, vendas, serviço especializado, semi-especializados e não especializado. Os empregos podem ser agrupados em grupos de campo em cada uma destas divisões. Cada grupo requer talentos definidos, habilidades, conhecimentos, temperamento e outros fatôres para o sucesso do trabalho.

Testes de interêsse e aptidão

Os estudantes americanos do primeiro e segundo ciclos do secundário são submetidos a testes de interêsse e aptidão, os quais os ajudam a descobrirem a sí mesmos. O Inventário Vocacional Lee-Thorpe e o Registro de Preferência Kuder são testes amplamente usados para identificar os interêsses profissionais. Testes de Múltiplos fatôres, tais como Teste de Aptidão Diferencial e o Teste de Aptidão Múltipla da Califórnia são usados para identificar aptidões. Tais testes são geralmente ministrados a estudantes de terceira série.

Um teste vocacional de largo uso em tôda parte dos Estados Unidos é o G.A.T.B., ministrado por representantes dos departamentos de segurança de emprêgo do Estado, em cooperação com as escolas. Em algumas instâncias êste teste é dado a terceiranistas, mas geralmente é dado a pessoas de onze a doze anos.

Testes de inteligência são administrados pelas escolas; não obstante, hoje reconhece-se que há muitas outras habilidades em adição às habilidades verbais, numéricas e espaciais que contribuem para o sucesso de uma profissão.

Os ginásios e os colégios têm treinado conselheiros que dispendem muito tempo no aconselhamento de grupos e de indivíduos. Muitos dêsses conselheiros concentram-se em informações básicas para auxiliar na escolha da profissão certa.

A maioria dos estudantes que receberam a boa espécie de treinamento no lar e que tenham propositalmente avaliado a sí mesmos sôbre as oportunidades escolares terão uma idéia dos seus objetivos profissionais por volta do seu undécimo ano de escola ou mesmo antes. As metas vocacionais podem mudar consideràvelmente após esta época. Isto não é grave. Deve ser esperado. É grave para os estudantes que atravessam o secundário sem qualquer

(continua na pág. 35)

A GLORIFICADA ESFERA DA MULHER

Presidente Hugh B. Brown,
da Primeira Presidência



(Discurso feito na Seção Geral da Conferência Geral da Sociedade de Socorro, em 29 de setembro de 1965.)

Tenho certeza de que vocês, sendo mulheres, não podem saber o que um simples homem sente diante de vocês, nem podem ter idéia do que significa tentar seguir o exemplo de tantos discursos excelentes como os que ouvimos no dia de hoje. Tudo o que podemos fazer é orar para ter inspiração e para que possamos ser compreendidos.

Tôdas as Autoridades Gerais reuniram-se esta manhã no Templo, a fim de fazerem a preparação da presente conferência. Discursos foram feitos, testemunhos foram fortalecidos e uma oração muito fervorosa foi oferecida no altar, onde oramos pelas Sociedades de Socorro da Igreja e pelo sucesso dessa grande conferência.

O Presidente McKay pediu-me para trazer-lhes seu amor e bênção; perguntei-lhe se tinha alguma mensagem especial e êle disse: "Sòmente diga-lhes que não há nenhuma organização feminina no mundo que seja comparável à Sociedade de Socorro," no que concordo plenamente.

É sempre um privilégio e uma honra ser solicitado a estar com êste maravilhoso grupo de obreiros da Sociedade de Socorro na sua Conferência Geral. Houve uma época em que as mulheres se reuniam, apesar das oposições, para levar avante a sua corajosa batalha pelos direitos femininos, algumas vêzes secretamente e, mais freqüentemente, combativa e perigosamente. Mas a batalha foi finalmente vencida e nós, homens, estamos orgulhosos pela grande liderança que vocês, companheiras, conseguiram desenvolver.

Nos seus cursos de estudo, levam em consideração e são instruídas sôbre muitos assuntos, incluindo as responsabilidades que êsses direitos acarretam. Os direitos sempre envolvem responsabilidades.

Por causa da escassês do tempo, proponho limitar minha mensagem sôbre a consideração da posição da mulher no lar e na Igreja e suas obrigações para com o marido e filhos; como conseguir maior exaltação no seu chamado e como partilhar das bênçãos do sacerdócio; como poder aperfeiçoar e glorificar não sòmente sua pessoa e sua condição, mas a de seu companheiro e família e, dêsse modo, servir o Mestre eficientemente.

Através da instituição do casamento, o qual é ordenado por Deus, os homens e mulheres tornam-se companheiros nas maiores dificuldades da vida, nas maiores glórias, nas coisas de maior responsabilidade e na criação dos filhos, até se tornarem membros valorosos da sociedade e colaboradores no seu reino. O lar é a primeira escola e suas lições, boas ou más, são levadas até a vida futura e duram como a própria vida. O conceito da família é um dos maiores e mais importantes de tôda a nossa doutrina teológica. O nosso conceito do céu, em si, nada mais é do que a projeção do lar e da vida familiar na eternidade. Que tragédia quando essa instituição divinamente estabelecida soçobra entre os perigosos recifes do divórcio!

Poemas enormes, romances, peças, numerosos livros de biologia tentam explicar a psicologia e os aspectos emocionais do casamento na vida privada. Êles, junto com os volumosos livros de História, mostram que o casamento, nas circunstâncias mais variáveis, é um dos supremos testes para o caráter humano. As leis e os costumes representam sòmente o aspecto externo ou social do casamento; mas nenhuma discussão sôbre os aspectos externos conseguirão nos dar a idéia exata sôbre a natureza interior e a profundidade que o casamento encerra. Num recente número de *Seleções* lí uma referência pertinente ao malôgro das coisas materiais e de grande parte das organizações, resultantes da inquietação comum e da infelicidade encontrada entre tanta gente de nossa época. O artigo declarava que há uma cidadela secreta no íntimo dos homens e das mulheres de boa vontade e encontrá-la é uma tarefa individual — a mais urgente e a mais significativa busca de nossa vida. Essa cidadela secreta é o nosso próprio *eu* espiritual; é o divino dentro de nós; nesta procura e descoberta repousam os nossos únicos salvaguardas contra o desencorajamento e o desespêro na batalha da vida. É, de fato, o único lugar digno de confiança.

Permitam-me uma pausa para lembrar o que disse a última oradora acêrca do valor das experiências e dos problemas que encontramos; que eu mostre a vocês, humildemente, um maravilhoso exemplo de como uma mulher pode colocar-se acima das mais insuperáveis dificuldades, mágoas, provações, pesares e levá-los avante, com todo valor. Deus abençôe a irmã Spafford.

A família, a viga mestra da Igreja, é a chave da civilização. Mas, quer viga ou chave, precisa ser suportada e mantida pelo caráter e devoção dos contratantes que, especialmente na Igreja, fizeram convênio entre si e com Deus, de juntos construirem, manterem-se e glorificarem-se, ajudando todos os que se tornem membros

dela, observando as leis divinas pelas quais são ou deveriam ser regulados.

Fiquei profundamente impressionado pelo discurso sôbre o amor, onde nos foi dito que deveríamos amar ao Senhor com tôda a nossa mente. É um desafio para todo homem, mulher e criança, no que diz respeito à preparação de nossas mentes para a compreensão acêrca de Deus e, através dessa compreensão, adorá-lo, obtendo, como resultado natural, um maior conhecimento dêle. Portanto, recomendo-lhes a sabedoria da preparação de suas mentes, de seus espíritos, para a grande responsabilidade que hoje foi mencionada, sôbre o lar.

Qual a função da espôsa e mãe nesse glorioso, porém espantoso empreendimento? É, antes de tudo, aceitar com profunda gratidão o papel que lhe foi designado por um Pai Celestial sábio e amoroso; e, então, viver sua vida tentando magnificar êsse chamado em humildade e amor. Deverá solidificar as bases reais do lar pela inspiração e honra, apoiando seu marido em retidão, ajudando-o a cumprir sua designação, a adquirir senso de valôres próprios e, juntos, alcançarem salvação e vida eterna para sua família celestial.

As escrituras dizem que o homem não é sem a mulher, no Senhor. O Presidente Brigham Young disse: "E eu diria: nem o homem pode ser perfeito sem a mulher, tampouco a mulher pode ser perfeita sem o homem.

Digo-lhes a verdade como ela é no seio da eternidade; e digo isso a todo mundo sôbre a face da terra: se o homem pretende ser salvo, não poderá sê-lo sem uma mulher ao seu lado. Será que êle percebeu a importância dessa tarefa?"

Nessa abençoada, porém dificultosa incumbência, tôda espôsa e mãe precisa, diàriamente, e de hora em hora, procurar a ajuda divina para desempenhar seu papel serena e tranqüilamente, como alguém que está em contato com o poder onipotente.

As mulheres nunca devem permitir que seu papel de mãe obscureça o seu papel de espôsa. Ambas as obrigações são impostas divinamente e necessitam permanecer juntas. Nem o marido nem a mulher podem negligenciar as realizações mútuas. A salvação é alcançada através da união, que é uma obrigação familiar. A espôsa torna-se parte integral nas ambições e realizações de seu marido e é, de fato, sua outra — em geral, melhor — metade. Ela precisa de inspiração espiritual, precisa compreender o que o Senhor deseja dela para ajudá-la a conseguir êsse intento. É êsse o seu privilégio e, certamente, partilhará das responsabilidades, se houver fracasso.

Algumas mulheres já foram vistas dizendo que se sentem ludibriadas por não possuirem o sacerdócio. Quanto a essa queixa uma neta minha retorquiu: "O homem tem o sacerdócio, mas a mulher tem o homem." Creio que o importante foi dito por ela, pois vocês têm muito a ver com o sucesso de seus maridos. Sim, e vocês podem moldá-los para êsse trabalho, pois foram divinamente designadas. O apóstolo Paulo disse:

"... o homem... é a imagem e glória de Deus, mas a mulher é glória do homem." (I Cor. 11:7)

Espero que se lembrem disso e permitam que nos apoiemos em vocês um pouco mais. Somos bastante dependentes. Uma grande satisfação vem à alma da mulher que sabe que tem sido eficiente em ajudar a abrir o coração e a mente do homem para a compreensão e que assim agindo a verdade vem a nós e o amor passa a controlar tudo. Não há maneira de se adorar e glorificar a Deus do que assistir seus filhos na sublime e difícil ascenção. É necessário paciência, tolerância, indulgência e outras virtudes.

Aquelas cujos maridos não são tão ativos como poderiam ser, ou como vocês desejariam que fôssem, lembrem-se do que o Senhor disse:

"Pois o homem não é sem a mulher no Senhor."

Minha filha sugeriu que a palavra "não" fôsse substituida por "nada", pois realmente o homem nada é sem a mulher. Vocês nos desafiam a fazer bons trabalhos e nós em troca, algumas vêzes desafiamos vocês; seu encorajamento, sua firme fé geralmente são o que nos mantém nos caminhos da verdade. Primeiramente somos encorajados pela influência e inspiração de nossas mães, posteriormente pelas nossas espôsas. Por experiência, posso testificar com confiança, que suas inspiração e fé se tornam nossa proteção e defesa. Isso acontece na vida de um homem quando êle tem uma mulher ao seu lado, a qual nêle crê, encoraja-o e o faz pensar que é capaz, quando êle assim não acredita, e isso eu falo por experiência própria. Necessitamos o melhor de vocês para nos apoiarem quando nos sentimos fracos e incapazes. Desde o Pai Adão e por tôdas as gerações os homens têm sentido necessidade de serem inspirados pela firme influência e poder purificador das mulheres.

O Profeta Joseph Smith, discursando na primeira Sociedade de Socorro, disse: "Quão preciosas são as almas dos homens! O lado feminino da comunidade está pronto a ajustar-se às suas opiniões.

"Não devem simplesmente manter-se comprometidos, mas precisam ser liberais em seus sentimentos. Que essa sociedade ensine às mulheres como se portarem com seus maridos, tratá-los com brandura e carinho."

E posso acrescentar: quando um homem é subjugado por problemas, por obrigações e dificuldades e fica deprimido e desanimado, se puder contar com um sorriso ao invés de um resmungo, o otimismo e a fé predominando e contagiando, ao invés de ouvir lamentações quando sua mente está tribulada e as torrentes da vida parecem sufocá-lo, o consôlo da afeição, a ternura de sua espôsa aliviará sua alma, acalmará seus sentimentos e o encaminhará novamente para a luta pela vida. Se vocês, espôsas, mães e irmãs usarem seus privilégios, os anjos tornar-se-ão seus associados e mentores e vocês terão a coragem renovada, fortaleza e fé e não só serão ajutoras, mas também âncora e asas, mapa e bússola, indispensáveis para uma vida rica e radiante.

Assim lhes digo, irmãs: não esmoreçam porque seus maridos não são tudo o que vocês desejariam que fôssem, mas mantenham sua fé, não sòmente nêles, mas também na ajuda de nosso Pai Celestial e na vossa própria capacidade de levar avante seu papel de ajutora. Nunca cessem de trabalhar e orar por orientação nessa designação divina. Isso permitirá que mantenham suas famílias unidas.

Com grande probabilidade, o sucesso de um marido depende da capacidade de sua espôsa. O govêrno do Estado e da Igreja constitui uma parte importante na vida do povo e o govêrno do lar é a base de todo govêrno bem sucedido. No lar, a mãe é a principal disciplinadora e mentora durante os primeiros anos de vida dos

filhos e sua influência determina em grande parte a habilidade dos mesmos de se tornarem homens e mulheres responsáveis, tanto na Igreja como no Estado. Ela é inicialmente o instrumento nas mãos da providência para moldar e guiar os destinos das nações, pois prepara seus filhos enquanto jovens e os manda cumprir os deveres que lhes serão impostos. Entretanto, marido e mulher deverão, juntos, e de acôrdo com os mandamentos, ensinar a seus filhos os princípios do evangelho.

Quanto aos homens que irão ocupar cargos de responsabilidade na Igreja, algumas vêzes acontece que mesmo sendo competentes, permanecem fora de cogitações por causa da espôsa. Apesar da espôsa não ser, realmente, uma barreira às oportunidades do marido, poderá vir a ser um grande obstáculo no desempenho de seus deveres, pois são de fato deveres conjuntos. Mas, através das nossas andanças pela Igreja, sabemos que as espôsas demonstram ser as principais conselheiras e mentoras. Somos gratos a Deus por essas qualidades, pela estabilidade e fé de nossas irmãs.

Irmãs, procurem ser instruídas na mais alta interpretação da palavra. A Igreja condena a ignorância e aplaude a inteligência.

Tirem de seu tempo, de suas mãos, de seus cérebros o máximo de trabalho e permitam que todos êsses esforços dirijam-se a canais dignos, onde nenhum esfôrço será inútil e nenhuma tarefa resultará em perda ou maldade. Procurem as melhores amizades, sejam amáveis, delicadas, e agradáveis, buscando sempre aprender tudo o que é bom e compreender os deveres de suas vidas, para que sejam uma bênção aos seus companheiros, quando colocarem os destinos de suas vidas ao lado dêles.

Há pessoas que dizem que as mulheres são a parte fraca, mas não o creio. Fisicamente podem ser, porém espiritual, moral e religiosamente, que competidora o homem encontra na mulher realmente convertida ao evangelho! As mulheres são mais predispostas ao sacrifício do que os homens, "mais pacientes no sofrimento, mais zelosas na oração." São nobres e em geral superiores aos homens na jovialidade, na bondade, na moralidade e na fé.

Quando reflito sôbre os deveres e as responsabilidades que pesam sôbre as nossas mães, espôsas e irmãs, e a influência que exercem, olho-as como molas principais, como a alma da vida. É verdade que o homem é considerado o cabeça, mas êle precisa ser merecedor dessa confiança. O Pai Adão foi colocado aqui na terra como rei para trazê-la sob seu jugo, mas quando a Mãe Eva veio, trouxe o dom que faltava a êle; tornou-o completo e possibilitou-o consumar o propósito de sua criação. As mães e as espôsas inspiram ambições superiores, fazem o homem completo e ajudam a moldar e guiar seus destinos.

"Embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu;

"E, tendo sido aperfeiçoado, tornou-se o Autor da Salvação eterna para todos os que lhe obedecem..." (Heb. 5:8-9)

A mãe valiosa e dedicada qualifica-se para receber tôdas as bênçãos mencionadas nas Bem-Aventuranças. É humilde e busca o saber, é pura de coração, não se lamenta e é sempre meiga. Tem fome e sêde de retidão e é carinhosa em todos os pontos. Traz a paz e, segundo a epístola de Paulo, muito suporta, é suave, não invejosa, não gaba de si mesma, não se ensoberbece. Não se regozija na iniqüidade, mas na verdade. Tudo tolera, em tudo crê, tudo espera e tudo suporta. Então, torna-se um membro ideal da Sociedade de Socorro. Por causa dela, a caridade nunca falha.

Que cada obreira da Sociedade de Socorro pergunte a si mesma, se está provendo em primeiro lugar os fundamentos espirituais para seus filhos, fundamentos sôbre os quais construiram a super-estrutura na qual permanecerão quando, nos últimos dias, o vento da dúvida e a confusão baterem em suas casas, onde só aquelas alicerçadas sôbre a rocha da verdade eterna permanecerão. Referindo-me novamente às palavras de alguém que já falou: "cedo ou tarde, tôda casa sofrerá as tormentas da vida."

Se seu ramo ou ala tem de sobra Liahonas antigas, mande-nos. Pagaremos o frete.

Pensando nos nossos privilégios, obrigações e responsabilidades, e como nos afetarão no mundo vindouro, as palavras do Presidente John Taylor são apropriadas:

"É o evangelho que ensina à mulher que ela tem direitos sôbre o homem; e ao homem que êle tem direitos sôbre a mulher, na ressurreição; é o evangelho que os ensina que, quando êles se levantarem das sepulturas, na ressurreição, novamente apertarão as mãos, serão reunidos e participarão novamente da glória designada por Deus antes que o mundo fôsse."

Posso testificar pessoalmente a influência que exerce uma mãe, quando é boa, assim como uma espôsa. Na verdade, acho que sou, de certa forma, especialista em mulheres: tenho sete irmãs, 6 filhas, uma mãe, uma espôsa, 14 netas e algumas bisnetas. Falo, então, com experiência quando digo que vocês têm uma designação favorecida: são beneficiadas pelo Senhor. Êle não poderia estar sempre presente em todo lugar e por isso a enviou. Deus as abençôe para que se cumpram fielmente suas designações.

Agora, sei que algumas de vocês estão ponderando o que falamos aos homens sôbre êste assunto. Se vierem à reunião do sacerdócio, sábado à noite, saberão. Eu, por exemplo, proponho aos homens levar avante as suaves responsabilidades que pairam sôbre todo homem que se casa, aquêle que é pai, que possui o sacerdócio, o qual deverá honrar e, honrando-o, honrará a Deus.

Elogiamos e congratulamo-nos com essa grande organização de mulheres. Vocês têm reputação e responsabilidades imensas em todo o mundo. Estamos orgulhosos de suas líderes ativas. São honradas e respeitadas pelas organizações femininas do mundo inteiro. Oro pelas bênçãos do Senhor sôbre elas e sôbre as oficiais das missões e estacas, tão leais e eficientes e sôbre todos os membros desta poderosa e resoluta arma da Igreja. Enquanto cantamos, em união, "Amor no Lar," decidamo-nos a ir para casa e ter regularmente nossas Noites Familiares, estudar as lições que foram preparadas e liderar os nossos filhos no círculo da oração, para que êles venham a conhecer a Deus e a gozar o calor de Seu amor, eu oro em nome de Cristo, Amém.

CIÊNCIA
&
RELIGIÃO

A PARTIR DE CUMORAH

NOVAS VOZES DO PÓ

PARTE III

SIGILO NA IGREJA PRIMITIVA

Hugh Nibley
professor de História e Religião
na Universidade de Brigham Young



CIÊNCIA & RELIGIÃO

Uma Séria Incapacidade de explicar o sigilo

Quando Eusébio, no início do século IV, dedicou-se à obra que lhe grangearia o título de "Pai da História da Igreja", espantou-se com a escassez de materiais disponíveis com os quais trabalhar. Encontrou-se, assim diz, trilhando um caminho jamais pisado num vazio deserto; vozes da antiga Igreja vinham-lhe, segundo o que diz, débil e inconstantemente por sôbre um vasto gôlfo vazio.[1] Um século atrás, quando Orígenes, o maior teólogo da Igreja, buscava apresentar uma explicação clara e inequívoca dos primeiros princípios do evangelho à sua geração perplexa e polemista, teve que confessar que não pôde descobrir nenhuma declaração autorizada sôbre qualquer dêstes princípios na literatura da igreja.[2]

Dêstes tristes casos poderia nos parecer que, ou a antiga Igreja não manteve registros ou que então foram perdidos. Hoje sabemos o que aconteceu. A primitiva literatura da Igreja perdeu-se inteiramente e, em substituição, outra literatura tomou seu lugar. Como resultado das recentes descobertas, o estudioso defronta-se agora com dois corpos de ensinamento cristão bastante diferentes. Da mesma forma que os peregrinos à Terra Santa têm, por muitas gerações, aceito as construções omíadas e normandas e os portais e muralhas turcos do século dezesseis como autênticos locais bíblicos históricos, uma vez que os originais há muito deixaram de existir, o mundo cristão como um todo tem aceito como voz da Igreja original, documentos que nada têm a ver com aquela Igreja, mas que são substitutivos posteriores para uma literatura desaparecida muito cedo. "A literatura original," escreve Schneemelcher, "foi suplantada (abgelöst) por outra literatura fortìssimamente influenciada pelo ambiente não cristão."[3]

Por que isso? Porque a literatura original era uma coisa estranha e perturbadora que o mundo não podia suportar: "A literatura cristã primitiva não teve predecessores nem sucessores, mas aparece como uma intrusão completamente estranha dentro da tradição clássica, uma incongruente e importuna interrupção, um carôço indigesto que, não obstante, desaparece tão sùbitamente quanto veio, deixando os Padres da Igreja(*) reencetar as operações como se nada tivesse acontecido.[4] Na época em que a literatura cristã "clássica" Patrística(*) estava apenas começando, tôdas as formas da antiga literatura cristã original, segundo Overbeck, tinham deixado de existir.[5]

A transição teve lugar, a grosso modo, em três estágios. Nossos evangelhos sinópticos são produto do primeiro estágio. O fato de que haja três evangelhos em vez de um e cada um dêstes esteja cheio de trechos variantes nos textos mais antigos, mostra que temos aqui não o Nôvo Testamento original, mas os resultados da "alteração, eliminação... expansão" de textos antigos.[6] Até meados do quarto século, outros evangelhos, tais como os dos Hebreus e Egípcios, eram aceitos pelas igrejas em pé de igualdade com aquelas escrituras que posteriormente tornaram-se canônicas; quer dizer, nossos evangelhos sinópticos têm atrás de sí um antecedente literário cristão ainda mais antigo que se perdeu, mas que hoje está sendo redescoberto.[7]

O segundo passo no afastamento da literatura cristã original foi a corrupção sistemática dos registros pelos pretensos gnósticos. Essas pessoas fizeram da pretensão de serem os únicos e secretos possuidores dos antigos escritos cristãos uma prática. Para validar o que sustentavam, não hesitaram em praticar falsificações, e tomaram emprestado livremente de qualquer fonte disponível. As fontes disponíveis incluiam alguns antigos escritos cristãos genuinos juntamente com todos os outros materiais, e assim ocorre que embora os escritos gnósticos sejam patentemente fraudulentos, não obstante preservam grande quantidade de material valioso. A separação do trigo da palha nos escritos gnósticos é um processo que ainda durará anos.[8]

Na terceira fase do afastamento, o escrúpulo foi deixado de lado, tendo os escritores cristãos adotado o princípio de que qualquer história que fôsse edificante, verdadeira ou falsa, poderia seguramente ser tratada como se fôsse verdadeira. Pseudo atos e pseudo evangelhos foram produzidos em massa tomando-se emprestado livremente dos mitos populares e lendas pagãs, enquanto que a antiga apócrifa era suplantada por novas e sensacionais histórias miraculosas.[9]

Em cada passo do desenvolvimento, o processo era o mesmo, ou seja, a eliminação de certos elementos seguida da introdução de outros para ocuparem o seu lugar. O empobrecimento da herança primitiva foi ràpidamente corrigido pelo processo de "enriquecimento" do remanscente mediante a transfusão de nôvo, mas muito diferente material, que desde então foi representado como a antiga herança cristã original, mas na realidade era o que Schneemelcher chama "uma ficção literária a serviço da propaganda."[10] Isso recorda a emprêsa que remove certas vitaminas da farinha de

A política de reticências

trigo por um processo e as recoloca por outro; sòmente que nesse caso ao invés da restauração do valor original, algo muito diferente tomou lugar como substituto, de forma que a literatura cristã do terceiro século em diante pode ser corretamente designada como um "Ersatz".[10]

No segundo século, Clemente de Alexandria comentou as maneiras pelas quais os ensinamentos da Igreja primitiva perderam-se inevitàvelmente. Primeiramente, diz êle, perderam-se coisas devido ao fracasso em escrevê-las. Clemente está cônscio, tanto quanto Eusébio, de que os Apóstolos não necessitaram escrever tudo porque "os abençoados homens do passado possuiram um maravilhoso poder" mas, e isso é bastante significativo, êsse poder não mais havia na igreja, e assim o que não é escrito é perdido. A tradição preserva tais coisas por algum tempo, mas não indefinidamente: "... coisas há que embora não tenham sido anotadas, permaneceram ainda por algum tempo, mas agora estão se perdendo. Algumas destas coisas estão agora completamente extintas, tendo-se apagado da mente devido à negligência e falta de exercício."

Mas, mesmo as coisas escritas e cuidadosamente transmitidas perdem-se, "pois são submetidas a um constante processo de alteração," e têm de ser contìnuamente interpretadas. Interpretadas por quem? "Seja pelo que escreveu a escritura," diz Clemente, "ou por outro que tenha seguido as suas pegadas."[11] Mas onde encontramos tal pessoa? Clemente nota que há coisas em seus próprios escritos que diferentes pessoas soem interpretar de diferentes maneiras, fazendo-o dizer coisas que jamais teve intenção de dizer — e não há nada que êle possa fazer a respeito disso![12] Por conseguinte, o próprio Clemente pretende garantir-se em assuntos sagrados e elevados, simplesmente recusando-se a escrever o que conhece, "temendo escrever as coisas de que me abstenho de falar; não que inveje qualquer coisa — pois que não seria correto — mas simplesmente porque temo que possam cair em mãos erradas e conduzir o povo a maior êrro: seria como diz o provérbio: 'é dar uma espada a uma criança', isto é, podemos ser acusados de incitá-los."[13]

Essa última observação de Clemente tráz-nos, talvez, o que é o mais importante fator na explicação das lacunas e omissões nos registros da Igreja primitiva, algo que tem sido constantemente ignorado ou minimizado pelos estudiosos, a saber, a deliberada política de reticência e sigilo com que nos deparamos a cada passo no estudo de antigos documentos cristãos. A palavra "sigilo" tem conotações que podem ser desorientadoras aqui. Não há o que seja nos ensinamentos secretos dos primitivos cristãos que vise iludir ou mistificar, nem há o segrêdo e a mentalidade do ultra-secreto dos gnósticos posteriores.

Pelo contrário, o racionamento de informação entre os primitivos santos estava em conformidade com uma política claramente explícita, segundo a qual a ninguém que estivesse pronto para receber seria negado qualquer ensinamento. E quando alguém estava pronto para receber informação? Logo que buscasse e perguntasse sinceramente. Quando o Senhor advertiu os discípulos a respeito de darem seus tesouros àqueles que, como animais domésticos, não saberiam como apreciá-los ou o que fazer com êles, imediatamente acrescentou instruções a respeito de quem poderia recebê-los, a saber, "todo aquêle que pede." (Mat. 7:6-8) Uma política mais magnânima não poderia ser imaginada, dando liberalmente a todo o que pede e retendo sòmente daqueles que não desejam as coisas sagradas e que, por conseguinte, seriam prejudicados por elas.

Essa política é também familiar nos antigos escritos judaicos. O assim chamado *Manual de Disciplina* adverte o fiel: "Não deis estas coisas aos Filhos do Abismo, *porque* êles não as estudam, nem as buscam."[14] Não há pretensão aqui: Israel havia perdido as coisas secretas, observam repetidamente os Manuscritos do Mar Morto, porque Israel rebelou-se e perdeu o interêsse nelas. Ademais, essas coisas são segrêdos ocultos do mundo, simplesmente porque o mundo não as receberá. Nem os primitivos sectários nem os cristãos queriam ou esperavam que as coisas elevadas e sagradas se tornassem propriedade de uma humanidade que permaneceu recalcitrante e irregenerada. "A crença no conhecimento secreto confiado apenas a uns poucos iniciados foi persistentemente mantida através dos séculos," segundo Köhler.[15] Os Manuscritos falam constantemente do conhecimento possuido pelos santos como o "conselho secreto" ou "plano secreto de Deus" mantido secreto porque sòmente o leal Israel era digno ou apto a recebê-lo, e segundo os manuscritos, o Israel leal não era senão um pequeno remanescente.[16] Há muito é sabido que os têrmos Nasoreu, Saducim (também Saducitas, filhos de Sadoc) e Hasidim, todos referem-se "àqueles que guardam o segrêdo" ou "aquêles que permanecem no convênio", sendo que ambos os conceitos são virtualmente idênticos.[17]

C&R

Hoje sabemos o que aconteceu: a primitiva literatura da Igreja foi inteiramente perdida, tomando seu lugar outra literatura

Umas poucas citações bastante conhecidas do Nôvo Testamento deveriam ser suficientes para estabelecer a realidade das reticências como um princípio essencial do ensinamento evangélico. Considere frases tais como as seguintes:(**)

"...a vós é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas a êles não lhes é dado;..." (Mt 13:11)

"...tendo ouvidos, não ouvis;..." (Mt 8:18)

"...como não *gostaram* de reter Deus no seu conhecimento, Deus entregou-os a um sentimento réprobo..." (Rm 1:28, itálicos do autor, tradução direta da versão do Rei Tiago.)

"Ninguém pode receber esta palavra, senão aquêles a quem é dada." (Trad. direta da versão do Rei Tiago)

"...ensinou-lhes muitas coisas por parábolas,... conforme estivessem aptos a recebê-las." (idem)

"E não compreenderam nenhuma dessas coisas: e essa palavra foi oculta dêles..." (Ib.)

"Se vos disser, não acreditareis." (Ib.)

"Se vos falei de coisas terrestres, e não crêstes, como crereis se vos falar das celestiais?" (Jo. 3:12)

"Duro é êste discurso; quem o pode ouvir?... Isto escandaliza-vos? (Jo 6:60-61)

"Por que não compreendeis o meu discurso? porque não podeis ouvir a minha palavra." (Trad. direta da versão do Rei Tiago)

"Minhas ovelhas ouvem a minha vóz..." (Jo 10:16)

"Ainda tenho muitas coisas a vos dizer que não suportais agora." (Jo 16:12)

"...não posso vos dizer o que êle disse." (Trad. Cit.)

"...chega, porém, a hora em que não vos falarei mais por parábolas, mas abertamente vos falarei acêrca do Pai." (Jo 16:25)

"...a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam." (Jo 1:6)

"...como ainda não compreendiam as escrituras,..." (Trad. Cit.)

Êle apareceu "não a todo o povo, mas a testemunhas escolhidas..." (id.)

"...foram impedidos pelo Espírito Santo de anunciar a palavra na Ásia." (At. 16:6)

"Ouvindo ouvireis, mas não compreendereis;" (Mt 13:14)

"...não vos pude falar como a espirituais,... com leite vos criei, e não com manjar;... (I Cor. 3:1-2)

"...palavras inefáveis, que ao homem não é lícito falar." (II Cor. 12:4)

"...me foi manifestado êste mistério;... o qual noutros séculos não foi manifestado..." (Ef. 3:3)

"O mistério que estêve oculto desde todos os séculos, e em tôdas as gerações, e que agora foi manifesto aos seus santos;" (Cl 1:26)

"...muitas coisas... duras de serem ditas, vendo que sois duros de ouvidos." (Trad. cit.)

"...muitas coisas... não escreveria com papel e tinta; mas... viria a vós e vos falaria face a face,..." (II Jo 1:12)

Em cada uma destas citações (e há muitas outras) é evidente que algo está sendo ocultado, e também é evidente que não está sendo retido arbitràriamente, mas por uma boa razão, a saber, que o povo não está pronto para recebê-lo. Também é evidente que ao povo deve ser dado conhecimento conforme esteja apto para recebê-lo, de forma que os mistérios do reino sejam concedidos gradativamente. Há como se fôssem dispositivos de segurança embutidos nos ensinamentos, para proteger as coisas sagradas dos mal entendidos comuns e proteger os indignos de prejudicarem-se a si próprios com elas. Deus, segundo Justino Martir, ocultou a verdade dos mais sábios eruditos dentre os judeus, cujas mentes pervertidas os deixaram incapazes de compreendê-la.[18] Quando João Batista foi saudado diante dos doutôres judaicos, segundo Josefo, disse-lhes: "Não vos revelarei o segrêdo que está entre vós, *porque vós não o desejastes.*"[19] (Itálicos do autor.) Cada qual recebe segundo o que está apto a receber.

Uma interessante variação dêste tema é o ensinamento de que Jesus aparece de diferentes maneiras a diferentes pessoas. Orígenes conhece a doutrina mas é mais completamente desenvolvida nas antigas *Logia* e no recém descoberto Evangelho de Felipe, que nos diz que aos anjos Jesus aparece como anjo, mas aos homens como homem, desde que todos "compreendem" sòmente aquilo com que se parecem.[20] Daí, relembra-nos outra escritura antiga, sòmente podemos compreender a Deus à medida em que somos como êle.[21] Isto se aproxima dos ensinamentos dos Apóstolos, de que tempo virá quando veremos a Deus tal como êle é, porque seremos como êle,[22] e da doutrina do progresso eterno: Assim como Deus é, o homem poderá tornar-se.

Técnicas de dissimulação

Os mais antigos apócrifos cristãos, especialmente os que tratam dos ensinamentos do Senhor após a ressurreição, estão representados como extremamente secretos, mas sempre com a indicação de que devem ser dados sem hesitação àqueles que realmente os desejam. Assim, num antigo texto, Pedro explica sua orientação ao tratar com Simão, o Mago, que deseja discutir os mistérios consigo:

"É importante ter algum conhecimento do homem... se continua envolvido e poluido em pecados óbvios, não me é próprio falar-lhe das coisas mais sagradas e secretas do divino conhecimento, ao invés de protestar e acareá-lo, para que abandone o pecado e lave-se dos atos de vício. Mas se êle se insinuar, e nos levar a dizer o que êle, o tanto quanto aja imprò-

priamente, não deve ouvir, nos compete evitá-lo cautelosamente."[23]

Nada deve ser dito a Simão até que tenha aprendido o arrependimento. Esta, será lembrado, era a política de João Batista no tratar com os homens que vieram das sinagogas para interrogá-lo, e de Jesus quando os eruditos lhe armavam astutas armadilhas.[24] Por conseguinte, quando Simão, o Mago, insiste na discussão dos mistérios da personalidade divina, Pedro observa: "Não pareces saber o que seja um pai e um Deus; mas eu poderia dizer-te de que origem são ambas as almas, e quando e como foram feitas; sòmente não me é permitido agora revelar-te estas coisas."[25] Pedro explica que devido à iniqüidade, "Deus tem ocultado sua mente ao homem," e que os cristãos têm a obrigação "de honrar com o silêncio os ensinamentos mais elevados."[26]

Quando o sincero investigador Clemente pergunta a Pedro sôbre o fato dos seus ancestrais jamais terem ouvido o evangelho, Pedro observa: "Agora, Clemente, estás a forçar-me a discutir coisas que não são permitidas conversar-se," mas oferece-se para explicar as coisas "o tanto quanto seja permitido",[27] com a indicação de que "com o passar do tempo, as coisas mais secretas ser-te-ão reveladas."[28] Quando mais tarde Clemente arrisca-se a alguma especulação erudita sôbre a unção de Adão como sumo-sacerdote, Pedro enfurece-se e o censura "por pensar que podemos saber tudo antes da ocasião própria."[29]

Uma *Logia* bastante autêntica preservada nos escritos Clementinos cita Pedro como dizendo, "Recordemo-nos do que o Senhor nos ordenou ao dizer, 'Guardai estas coisas secretas (*mysteria*) que pertencem a mim e aos filhos da minha casa.' "[30] Uma variação disto, "guardai o meu segrêdo," foi freqüentemente citada pelos Padres da Igreja e é encontrada nas mais antigas Odes de Salomão.[31] Comentando isso, Lactâncio escreveu, "Não é nosso costume defender e discutir êste assunto pùblicamente, porque, com a ajuda de Deus, tranqüilamente guardamos êste segrêdo para nós mesmos em silêncio... pois é próprio reter e ocultar o mistério com todo cuidado possível — especialmente para nós que trazemos o nome de crentes."[32]

Citamos aqui as palavras de Pedro conforme aparece no texto de Clemente, como representante de todos os ensinamentos apócrifos primitivos concernentes ao sigilo e à reticência da pregação. "Nada é mais duro," diz êle a Clemente, "do que discutir acêrca da verdade na presença de uma multidão mista... tendo durante a maior parte do tempo, pelo uso de rodeios, de evitar proclamar o conhecimento mais importante concernente à Divindade Suprema a ouvidos indígnos."[33] Isto nos lembra a introdução admonitória do Senhor aos ensinamentos de importância particularmente momentosa: "Quem tem ouvidos para ouvir, ouça." (Lc 14:35)[34] "Os Mistérios da Fé," diz Clemente de Alexandria, "não devem ser revelados indiscriminadamente a todos, uma vez que nem todos estão prontos para receber a verdade."[35]

Há um quê de princípio pedagógico neste assunto: "O ensino de tôda doutrina," diz Pedro nos *Reconhecimentos*, "tem uma certa ordem: algumas coisas há que devem ser ensinadas primeiro, e outras em segundo lugar, e outras em terceiro, e assim por diante, cada coisa em sua ordem. Se estas coisas são ministradas na sua ordem, tornam-se claras; mas se o são fora de ordem, parecerão ditas contra a razão."[36] Eis porque êle repreendeu o jovem Clemente por desejar "Conhecer tudo antes do seu devido tempo." Noutro lugar êle explica que o Senhor "nos ordenou sairmos a pregar para vos convidar à ceia do rei celestial... e dar-vos as vestes matrimoniais, ou seja, o privilégio de ser batizado... deveis considerar isto como o primeiro dos três passos, passo êste que traz trinta mandamentos, assim como o segundo traz sessenta e o terceiro cem, tal como vos explicaremos mais completamente em outra ocasião."[37] Isto lembra um dos arrazoamentos de Paulo quanto ao ensinamento dos santos.[38] mas os três passos são significativos. Papias diz que os Apóstolos ensinaram que 30, 60 e 100 "são a gradação e o arranjo daqueles que são salvos, e que êles avançam por passos desta natureza," referindo-se claramente aos três graus de glória.[39] O antiquíssimo *Testamento de Nosso Senhor Jesus Cristo* principia com a admoestação de que o documento deve vir a ter às mãos "sòmente de santos provados que habitam na terceira ordem (ou nível) próxima à morada de meu Pai que me enviou."[40] (cont. na pág. 39)

Volume da Biblioteca de Nag Hammadi. Acredita-se que seja tão velho quanto alguns dos manuscritos recentemente descobertos.



Os locais arqueológicos, como o mostrado na página 17, estão favorecendo a compreensão das crenças e práticas da primitiva Igreja.





Pensamentos sôbre Cristo e o Natal

Dos Presidentes da Igreja



Crendo na palavra de Deus confio na declaração de Tiago — "Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e nada lhes impropera; e ser-lhe-á concedida." (Tiago 1:5)

Retirei-me para um lugar secreto num bosque e comecei a implorar ao Senhor; enquanto envolvido nessa fervorosa súplica, minha mente distanciou-se dos objetos que me rodeavam e fui arrebatado numa visão celestial e vi dois personagens gloriosos que se assemelhavam um com o outro nos traços e feições (vide Heb. 1:1-3), rodeados de uma luz brilhante, superior à do sol ao meio-dia.

Disseram-me que tôdas as denominações religiosas criam em doutrinas incorretas e que nenhuma delas era reconhecida por Deus como Sua Igreja e Reino e foi-me ordenado expressamente "não me afiliar a nenhuma delas," e ao mesmo tempo recebi uma promessa de que a plenitude do evangelho, num futuro bem próximo, seria revelado a mim.

JOSEPH SMITH, PROFETA,
na carta de Wentworth (DHC 4,536)

E agora, depois dos muitos testemunhos que se prestaram dêle, êste é o testemunho último de todos, que nós damos dêle: que Êle vive!

Pois vimo-lo, mesmo à direita de Deus; e ouvimos a voz testificando que Êle é o unigênito do Pai —

Que por Êle, por meio dêle e dêle, foram os mundos criados, e os seus habitantes são filhos e filhas gerados para Deus.

PROFETA JOSEPH SHITH,
E SIDNEY RIGDON (D&C 76:22-24)



Os santos dos últimos dias creem em Jesus Cristo, o unigênito do Pai, que veio no meridiano dos tempos, executou sua obra, sofreu a penalidade e, oferecendo-se, pagou o débito do pecado original do homem, ressuscitou e ascendeu ao Pai...

Jesus foi escolhido desde o começo, para morrer por nossa redenção e sofreu uma morte dolorosa na cruz...

Nossa fé está concentrada no Filho de Deus e através dêle no Pai; e o Espírito Santo é o nosso ministrador para nos fazer lembrar das verdades...

Minha fé está depositada no Senhor Jesus Cristo e o meu conhecimento eu o recebi dêle...

Testifico que Jesus é o Cristo, o Salvador e o Redentor do mundo; obedeci aos seus ensinamentos, compreendi sua promessa e o conhecimento que tenho dêle, a sabedoria dêste mundo não pode dar nem tomar.

PRES. BRIGHAM YOUNG
(*Discourses of Brigham Young* — págs. 26/27.)



Jesus veio à terra de acôrdo com o prévio plano e propósito de Deus, no tocante à família humana, como o Unigênito do Pai, cheio de graça e verdade. Veio para oferecer-se como sacrifício, o justo pelo injusto; para afrontar as exigências de uma lei falha, a qual não satisfazia a família humana; para redimí-la das ruínas da queda, para libertá-la do poder da morte, à qual todos os povos estavam sujeitos pela transgressão da lei e Êle próprio tomou a iniciativa e ofereceu-se, o Filho de Deus, como expiador dos pecados do mundo.

PRES. JOHN TAYLOR — Tabernáculo de Salt Lake City, 3 de julho de 1881 (JD. 22,140)

Jesus disse, "Tomai o meu jugo sôbre vós e aprendereis de mim, pois eis que sou manso e humilde de coração e encontrareis descanso para as vossas almas." Qual foi o jugo colocado sôbre os seguidores de Jesus? Precisamente o mesmo colocado sôbre vós... A palavra era, "Ide em meu nome, com minha autoridade e o meu espírito vos acompanhará." E assim se deu e o povo tornou-se um na fé, doutrina e princípio, como dizem as escrituras. "Tomai o meu jugo sôbre vós." Qual era o jugo? Disse êle, Bem aventurados os mansos, porque herdarão a terra; bem aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus; bem aventurados os que têm fome e sêde de justiça, porque serão fartos." Êste foi o jugo que Jesus colocou sôbre êles, o mesmo que colocou sôbre vós — amar a justiça, guardar os mandamentos de Deus, viver a religião e obedecer os princípios da verdade...

PRES. JOHN TAYLOR

Conferência semi-anual, 7 de outubro de 1872 (JD 15,218)



Sempre observei a vida do Salvador, que desceu abaixo de tôdas as coisas para que pudesse elevar-se acima de tôdas as coisas — como um exemplo aos seus seguidores. E ainda, no sentido da palavra, sempre me pareceu estranho que o Filho de Deus, o Primogênito dos mundos eternos do Pai e o Unigênito da carne, tivesse que vir à terra e passar por tudo o que passou — nasceu num estábulo, foi colocado numa manjedoura, perseguido, afligido, espezinhado... Não houve aparentemente nada que o Salvador pudesse fazer que fôsse aceitável aos olhos do mundo, pois quase tudo o que fazia era tido como uma influência profana.

Quando expulsava os demônios do povo, diziam que Êle o fazia com o poder de Belzebu, o príncipe dos demônios; quando abria os olhos dos cegos, os fariseus e os sacerdotes daquele tempo diziam que o homem que "dá glória a Deus é um pecador." E assim foi tôda a sua vida até o dia de sua morte na cruz.

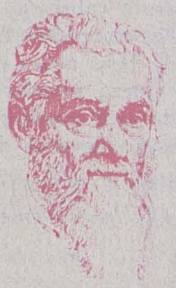
Existe algo em tudo isso que nos parece bem lastimável; mas também pareceu necessário que Êle descesse abaixo de tôdas as coisas a fim de se elevar sôbre tôdas elas...

Será que compreendemos que se vivermos as leis do sacerdócio nos tornaremos herdeiros de Deus e co-herdeiros com Jesus Cristo? Eu sei que os nossos olhos não viram, que os nossos ouvidos não ouviram, nem foi concebido em nosso coração a glória que está reservada aos fiéis. Estamos na posição de sermos provados e testados; devemos ser, fomos e seremos testados até terminar nosso labor na carne...

Jesus Cristo viveu o convênio; guardou os mandamentos enquanto aqui na terra. Até batizou-se pelas mãos de João, embora não fôsse para a remissão dos pecados, mas para cumprir tôda a justiça. Não há sequer uma parte do evangelho que Cristo deixou de cumprir...

PRES. WILFORD WOODROOF

Kaysville, Utah 10 de dezembro de 1882 (JD, 327,330.)



Enquanto Jesus viajava pela terra, cumprindo sua missão, dizia ao povo que não fazia milagres, mas que agia no meio dêles com o seu próprio poder e não por sua sabedoria; mas que ali estava para realizar a vontade do Pai. Não veio buscar a glória e a honra dos homens, mas buscar a honra e glória do Pai que o enviou. Êle disse, "Vim em nome do meu Pai e não me recebeis, se outro vier em seu próprio nome, a êle recebereis."

Agora, a peculiaridade de sua missão, o que se distinguiu das outras missões, era que Êle não veio para buscar a glória e honra dos homens, mas para buscar a glória de seu Pai.

Aqui estava o segrêdo de sua prosperidade e aqui está o segrêdo da prosperidade de cada indivíduo que trabalha com o mesmo princípio.

PRES. LORENZO SNOW

New Tabernacle, 9 de outubro de 1869 (JD, 13,254.)

Quando Jesus veio, veio como um sacrifício, não simplesmente no interêsse de Israel... mas no interêsse de tôda a família humana, para que nêle todos os homens fôssem abençoados, para que nêle todos os homens pudessem ser salvos; e sua missão era propiciar os recursos pelos quais tôda a família humana pudesse receber os benefícios do evangelho eterno... não sòmente aos que viviam na terra, mas também aos que viviam no mundo espiritual.

PRES. LORENZO SNOW

The Deseret News, 31 de janeiro de 1883, pág. 18.



O Natal tem voltado os pensamentos dos homens a Cristo, às suas doutrinas e obras. Estamos inclinados a esquecer o caráter da estrutura estabelecida por Êle; alguns estão até inclinados a considerar os seus ideais como impraticáveis. Os homens dizem que as teorias ensinadas por Êle são maravilhosas, mas que sob as circunstâncias modernas não podem ser postas em prática...

Todavia, agora Êle é de intenso valor e exerce tôda influência, pois sòmente através dêle seremos salvos. Mas não foi a riqueza, nem os seus prodigiosos dons que o magnificaram e lhe deram poder. O Espírito de seu Pai era a riqueza de sua alma...

Durante a época do Natal... há almas que entram em gôzo de bênçãos preciosas, as quais fazem o máximo para glorificar a vida de seus semelhantes. Creio que não há em qualquer outra comunidade tantas pessoas incluidas nesta categoria, como nas comunidades SUD. Tôdas as pessoas podem tirar proveito do espírito do Natal e, através de boas ações e sacrifícios abençoados buscar o dom da riqueza interior a ser encontrada pelo cuidadoso estudo da vida, caráter e evangelho de Jesus Cristo e pela aceitação de suas doutrinas.

PRES. JOSEPH F. SMITH
The Improvement Era, dezembro de 1904, págs. 146/8.)



Ninguém que tenha vivido sôbre a terra exerceu a mesma influência sôbre os destinos do mundo como o fêz nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo; e mesmo assim Êle nasceu na obscuridade e foi colocado numa mangedoura. Escolheu para apóstolos pescadores pobres e sem estudo... Mais de mil e novecentos anos se passaram desde a sua crucificação e no mundo todo, a despeito de tôda contenda e confusão, ainda arde no coração de milhões de pessoas um testemunho da divindade do trabalho que Êle realizou...

Desejo dizer aos santos dos últimos dias que, tendo recebido um testemunho da divindade do seu trabalho, no qual estamos ocupados, compete a nós pôr em ordem a nossa vida diária, a fim de que o trabalho de Deus seja glorificado através das boas ações que praticamos e deixar a nossa luz brilhar para que os homens, vendo as nossas boas ações, possam também glorificar a Deus. Nenhum povo na face da terra jamais foi abençoado como os santos dos últimos dias; nenhum povo jamais recebeu as manifestações da benignidade, misericórdia e longo sofrimento de Deus; por isso julgo que nós, mais que todos os homens da terra, devemos viver retamente e à semelhança de Deus.

PRES. HEBER J. GRANT
The Improvement Era, dezembro de 1940, págs. 713/765.)



Podemos confiar nas promessas do Senhor no futuro, assim como já o fizeram no passado. Cada ano que passa nos leva mais perto do dia de Sua vinda em poder e glória. Verdadeiramente a hora e o dia nenhum homem o sabe. Mas o dever de todos os santos dos últimos dias é vigiar e orar, ser valente para defender a verdade e empenhar-se numa boa obra. A despeito do descontentamento do mundo e do crescimento aparente do poder do mal, os que continuam em lugares santos podem discernir através dêles o esfôrço do Senhor na consumação de seus propósitos. O Todopoderoso reina e continuará a reinar! Portanto, nesta época do ano, que as discórdias pessoais sejam esquecidas e as inimizades banidas. Não permita que a tormenta seja sentida em seu coração, mas que ali exista sòmente júbilo e regozijo. Que os presentes ofertados sejam tão generosos o quanto permitam as circunstâncias, não sendo extravagantes. Que os corações das crianças se alegrem e que vivamos de tal maneira que o Espírito do Príncipe da Paz possa habitar em nossos lares.

PRES. GEORGE ALBERT SMITH
The Improvement Era, dezembro de 1947, pág. 797.)



Esta é a época do ano em que os corações dos homens voltam-se para o nascimento de Cristo, em Belém.

Belém, na verdade, foi cena de muitos eventos importantes. Sua primeira menção na Bíblia está relacionada com a vida de Raquel, mais de dezessete séculos antes do nascimento de Cristo. Foi o lar de Boaz e Naomi e lá aconteceu a maravilhosa história de Rute. Mais ou menos mil e cem anos antes de Cristo, lemos sôbre Belém como a casa de Davi e foi em Belém que o Profeta encontrou Davi cuidando de suas ovelhas e onde ungiu o jovem pastor para reinar sôbre a Judéia e Israel...

No Velho Testamento, no Livro de Miquéias, quinto capítulo, Belém é mencionada pelo profeta como sendo o lugar de nascimento do Messias prometido...

O nome *Beit Lalm* significa casa de pão ou alimento. Através das eras esta área ficou conhecida como um dos lugares mais férteis da Palestina. É interessante notar que o trigo primitivo, de onde provém o nosso trigo cultivado, foi encontrado perto de Belém. Gosto de associar o pensamento que da Belém primitiva, onde apareceu a planta da qual fazemos o pão, o esteio da vida, trouxe também o Pão da Vida, que sustenta o espírito.

Presto meu testemunho a vocês de que as verdades de Cristo são tão aplicáveis ao mundo de hoje como o foram para as pessoas entre as quais Êle andou e falou.

PRES. DAVID O. MCKAY
The Improvement Era, dezembro de 1960, págs. 886/991.)

Mensagem de Natal

Lloyd R. Hicken
Presidente da Missão Brasileira

Há uma época no ano em que o mundo cristão faz uma pausa em suas frenéticas atividades e egoísmo para reparar naquele a quem tudo devem. Afortunadamente, há pelo menos uma ocasião quando Êle assume um lugar significativo em seus pensamentos.

Muitos têm pôsto em dúvida que os mórmons sejam cristãos. A êles replicaríamos que não há nenhum povo no mundo que tenha maior aprêço e compreensão da verdadeira natureza, papel e estatura de Jesus Cristo, que os mórmons. Possamos de nôvo humildemente meditar sôbre o seu lugar em nossa vida, nesta ocasião.

Êle era o "Verbo" de quem João, o Apóstolo, deu testemunho como sendo aquêle que estêve com o Pai no princípio e por quem tôdas as coisas do mundo foram feitas. Nêle estavam a vida e a luz do mundo. Ninguém, exceto o Pai Eterno, assentava-se em maior honra e poder que Êle. O Pai testificou a Moisés numa grande visão das suas criações: "E criei mundos sem número e também os criei para o meu próprio intento; e por meio do Filho que é o meu Unigênito Eu os criei." (Moisés 1:33)

A despeito da sua gloriosa posição de poder e honra, o Filho ofereceu-se para descer do seu glorificado lugar e humildemente submeter-se aos males dêste mundo e ao que escolhessem os ímpios fazer com êle. Êste oferecimento foi aceito pelo Pai e por todos os seus irmãos que têm ou venham a ter vida mortal aqui. Êle era o Cordeiro sem mácula oferecido como sacrifício pelos pecados do mundo.

Nasceu nas mais humildes circunstâncias imagináveis. Trabalhou àrduamente com suas próprias mãos na carpintaria de José até os trinta anos de idade. Na aparência foi para o mundo um homem entre os homens, mas sem nenhum destaque para os seus concidadãos. Quando retornou a êles durante o seu ministério, disseram dêle: "Donde lhe vêm esta sabedoria e podêres miraculosos? Não é êste o filho do carpinteiro? Não se chama sua mãe Maria e seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas? Não vivem entre nós as suas irmãs? Donde lhe vem, pois, tudo isto? E escandalizaram-se nêle." (Mat. 13:54-57) Não adquiriu riqueza, posição ou educação humana. Disse de si mesmo: "As raposas têm seus covis e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde repousar a cabeça." (Idem 8:20) Verdadeiramente, Êle foi o cumprimento da profecia de Isaías que assim descreveu o Redentor: "... não tinha parecer nem formosura... que nos agradasse. Era desprezado e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e que sabe o que é sofrer; e como um de quem os homens escondem o rosto; era desprezado e dêle não fizemos caso algum. Certamente tomou sôbre si as nossas enfermidades e as nossas dôres levou sôbre si; e nós o reputávamos aflito, ferido de Deus e oprimido." (Isa. 53:2-4)

Quando o tempo próprio veio, voluntàriamente submeteu-se ao maior sofrimento do corpo, mente e espírito jamais conhecidos. Testificou sôbre esta experiência ao profeta moderno, Joseph Smith:

"Pois eis que, Eu, Deus, sofri estas coisas por todos, para que se arrependendo não precisassem sofrer;

"Mas se não se arrependessem deveriam sofrer assim como Eu sofri;

"Sofrimento que me fêz, mesmo sendo Deus, o mais grandioso de todos, tremer de dor e sangrar por todos os poros, sofrer tanto corporal como espiritualmente — desejar não ter de beber a amarga taça e recuar —

"Todavia, glória seja ao Pai, tomei da taça e terminei as preparações que fizera pelos filhos dos homens." (D&C 19:16-19)

O profundo sofrimento e as provações porque o Senhor passou durante sua mortalidade são revelados mais extensamente nas suas palavras de confôrto e segurança ao profeta Joseph Smith que, na ocasião, tinha sofrido grandemente nas mãos dos ímpios numa imunda e fria prisão no Missouri durante todo o inverno de 1838-1839:

(continua na pág. 42)



E Com Prazer

Florence P. Pinnock

O espírito do Natal não se insinua em nossa mente em um dia, em um ano, mas gradualmente, como um dia de outono muda em inverno e como um sorriso ilumina uma face triste. Doze dias de Natal? Isto, e mais.

O Natal realmente começou no último janeiro, quando os ornamentos festivos foram espanados, polidos e carinhosamente guardados para dezembro vindouro. Começou quando umas bugigangas foram compradas numa liquidação, tendo-se em mente o próximo Natal; quando as férias numa terra longínqüa trouxeram presentes exóticos que foram escondidos para êsse dia especial; quando os minutos de lazer de todo o ano foram passados de agulha na mão, ou medidas foram tiradas sorrateiramente, para um suéter-surprêsa feito à mão. Houve uma consciência diária, e notas mentais foram tomadas, relativas ao gôsto e desejo das pessoas amadas que nos cercam. José tem o desejo dissimulado de possuir um certo boné; Maria deseja um vestido azul-côr-do-céu; tia Josefina anseia por uma blusa côr-de-rosa; papai inocentemente expressou o desejo de possuir uma chave inglêsa com uma forma especial. Um bebê de dezembro estava a caminho desde o último outono. Assim, muito antes que o precioso embrulho chegasse, um nome provisório foi acrescentado à lista de Natal. Um nome foi relutantemente riscado ao morrer a tia Marta e nôvo nome foi acrescentado com o casamento de João. Mudanças constantes tiveram lugar; constantes planos foram feitos para o mais maravilhoso de todos os dias, o Natal.

A palavra maravilhoso descreve o Natal. É a ocasião do maravilhoso. Com maravilhoso espanto os magos viram no céu a estrêla reluzindo. Cheios de espanto e de assombro, até mesmo os anjos louvaram aquêle primeiro Natal: "Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens." (Luc. 2:14) E hoje louvamos êste dia dos dias. A feiura muda-se em beleza em todo lugar. Um aposento é transformado de estéril monstruosidade em reino de fadas de árvores natalinas; as janelas brilham coloridas; as árvores desfolhadas mudam-se em filigranas de prata; os montes de entulho tornam-se fôfas colinas brancas; o amor e a tolerância substituem o ódio e a inveja em cada face. O mundo resplandece e tudo proclama: "Paz na terra, boa vontade para com os homens."

Por que não podem os homens egoístas, altamente situados no govêrno, levar esta mensagem a todo canto da terra, fazendo-a ter um significado duradouro?

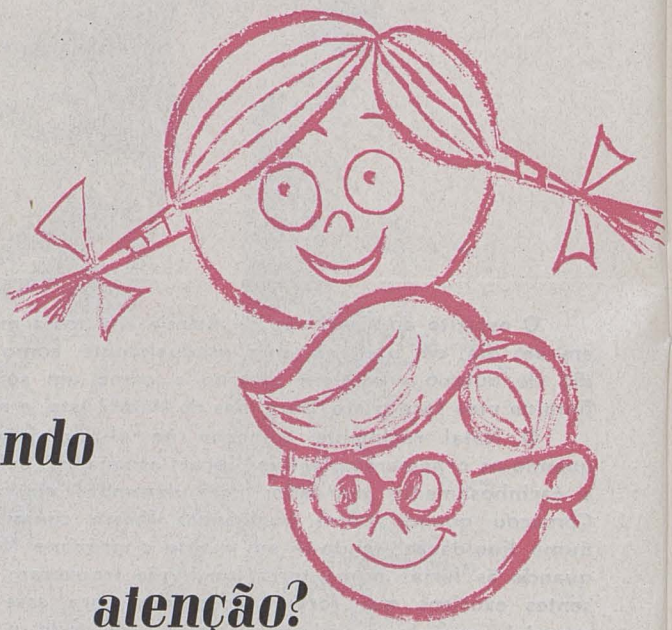
Diga "Feliz Natal" êste ano com sinceridade. Isto pode ser dito de muitas maneiras simples, como:

★ um sorriso ★ um abraço ★ um presente inesperado ★ um ato cortês ★ um rápido olhar ★ um convite ★ uma palavra amável ★ crianças ★ um tapinha nas costas ★ um suave murmúrio ★ um cuidado pessoal ★ uma visita de surprêsa ★ um apêrto de mão ★ uma união familiar.

Escola Dominical



Estarão prestando atenção?



Delmar Dickson

Talvez êles não estejam ouvindo. Seus olhos estão abertos — êles nos olham — podem mesmo parecer alertas e atentos. Nem todos, porém, estão ouvindo.

O dr. Carson C. Hamilton sabia disso ao iniciar uma classe no Colégio Estadual de Michigan; êle disse: "Há uma coisa nesta classe sôbre a qual eu insisti. É o seguinte: quando dormirem fechem os olhos."

O dr. Hamilton tinha razão, porque não é apenas possível, mas muito provável que alguns estudantes fiquem dormindo de olhos abertos. Isto é, alheios a tudo quanto se diz. Uma resistência, uma barreira, uma espécie de cortina ou tela separa o professor da sua classe. Pode ser espessa ou fina — podemos ainda chamá-la de cortina de ferro, por ser tão difícil de ser atravessada — ela é invisível, naturalmente; não obstante, lá está.

Um Transmissor e um Receptor

As dificuldades de comunicação que temos com os alunos, podem ser comparadas com as dificuldades da difusão pelo rádio e pela televisão. É preciso ter um transmissor e um receptor. Se o transmissor ou o receptor não funcionarem como devem, não haverá comunicação. Olhemos tanto para um como para outro.

Em primeiro lugar, quais são as nossas responsabilidades? E, de que modo nós, os transmissores, podemos cair em falta? Nós, professôres, somos certamente responsáveis pela aparência da sala, pela temperatura, ventilação, iluminação, assentos e disposição dos mesmos. Se quisermos ter um grupo ativo e contente de bons ouvintes, devemos providenciar para ter uma sala atraente e confortável.

A Voz é Importante

O nosso modo de falar é tão importante como o confôrto material. Pode ser muito alto ou muito baixo — pode ser muito estridente ou muito grave; talvez falemos muito depressa ou muito devagar — pode ser que não pronunciemos as palavras com clareza — nossas vozes podem ser inexpressivas, sem vida, monótonas e mesmo irritantes.

Podemos ter, sem o saber, certos defeitos. Pode haver algo esquisito no que estamos dizendo. Pode ser a nossa maneira de vestir, o nosso terno, a nossa gravata, os nossos sapatos ou o nosso cabelo. Talvez a nossa personalidade seja inexpressiva; podemos não atrair — não parecermos amistosos nem simpáticos.

Várias Coisas Podem Prejudicar

Os nossos materiais podem não ser apropriados. Podem ser organizados deficientemente. Pode ser que o nosso objetivo não tenha sido enunciado com clareza — Provàvelmente não apresentamos o assunto como êle se apresenta diàriamente. O nosso vocabulário pode não ser do nível da idade que ensinamos.

Qualquer dêsses itens — e há outros — pode interferir com o nosso aparelho transmissor. Por outro lado, que estará defeituoso no aparelho receptor, o estudante? O que estará tornando difícil mantê-lo atento? O que estará desviando a sua atenção?

Pode ser alguma doença. Todos nós já experimentamos essas situações quando estivemos resfriados ou gripados. Talvez tenhamos feito insinuações a alguém para ficar em casa quando percebemos que a sua doença era contagiosa; talvez essa pessoa insistisse em vir e tivesse dificuldade em ficar atenta. Estudantes mais idosos muitas vêzes estão matriculados num curso escolar de tempo integral e têm, além disso, empregos que os ocupam parcialmente — adicionam mais carga ainda a um programa já sobrecarregado e temos, então, ouvintes exaustos e apalermados. Além disso, alguns estudantes podem estar com fome — pais irresponsáveis, salários baixos, desemprego e ociosidade são os responsáveis pela fome e pela falta de atenção dos estudantes.

Distrações

Qualquer causa de distração, tal como um apito, alguém tossindo ou espirrando, barulho de papel, arrastar de pés, chiado de radiador, um caminhão que passa ou o ruído de maquinaria pesada trabalhando na rua perturbam o ouvinte e paralisam o fluxo de informações no aparelho receptor.

A falta de interêsse pelo assunto ou por um tópico qualquer apresenta problemas. Os vários estudos que têm sido feitos nesse campo mostram a tremenda importância que se tem da assimilação por via oral.

É bem sabido que os bons ouvintes, de qualquer maneira, parecem ter interêsse em quase todos os tópicos, enquanto os maus ouvintes acham freqüentemente qualquer tópico desinteressante. Os maus ouvintes adquiriram, em fase da vida, o hábito de desprezar os assuntos difíceis, com pretexto de que são desinteressantes. Uma vez adquirido o mau hábito êle permanece.

O ouvinte inexperiente é, provàvelmente, o pior de todos. Inexperiente, isto é, inexperiente em ouvir matéria de difícil exposição. O dr. Ralph Nichols, chefe do Departamento de Retórica da Universidade de Minesota e o dr. Thomas R. Lewis, da Universidade da Flórida, estudaram intensivamente os hábitos e as características de bons e de maus ouvintes.

Foram ministrados ensinamentos a um grupo numeroso através de entrevistas pessoais, através de questionários, inventários e através de realizações baseadas em testes padronizados.

Pouco mais de cinco por cento dêles costumava ouvir programas educacionais. Pouquíssimos freqüentavam esporàdicamente conferências educativas em suas comunidades. Não obstante, seguidamente ouviam e assistiam comédias.

Em contraste com isso, os melhores alunos estavam ouvindo os programas expositivos mais difíceis do rádio e da televisão. Desenvolveram grande interêsse por êles. Ouviam com regularidade conferências e apresentações difíceis e de dificuldades desafiadoras para suas capacidades mentais.

O dr. Nichols e o dr. Lewis resumiram êsse estudo dizendo: "Qualquer indivíduo que tenha desenvolvido no princípio da vida o mau hábito de evitar coisas difíceis, simplesmente para evitar dificuldades, faria bem em eliminar imediatamente êsse impecilho ao seu progresso pessoal.

Deveríamos observar êstes contrastes:

Num bom ouvinte:

1. quer aprender
2. é alerta e receptivo
3. é amante da ordem

(continua na pág. 42)

JÓIA SACRAMENTAL

para janeiro:

Escola Dominical Sênior

"E foi a parte mais justa do povo a que se salvou..." (3 Nefi 10:12)

Escola Dominical Júnior

II Reis 17:39.

Recitação em Conjunto

Curso 6: Apocalípse 3:11.

Curso 9: D&C 18:19.

HINOS DE ENSAIO

Escola Dominical Sênior

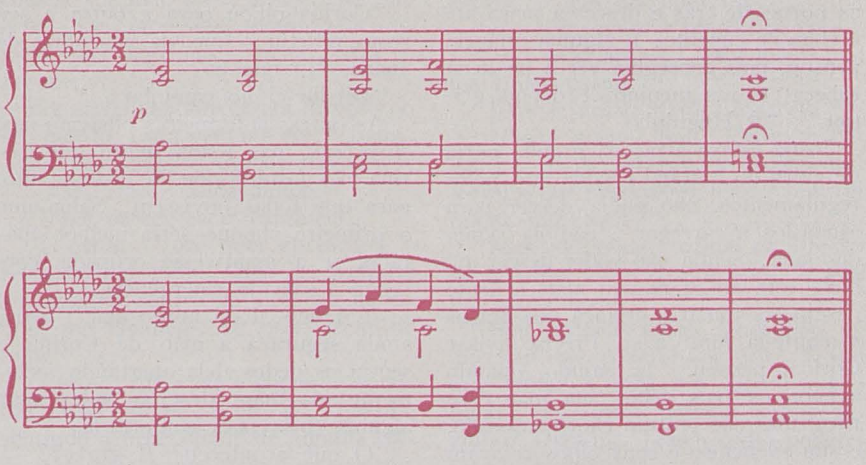
"Mais Perto Quero Estar," n.º 159.

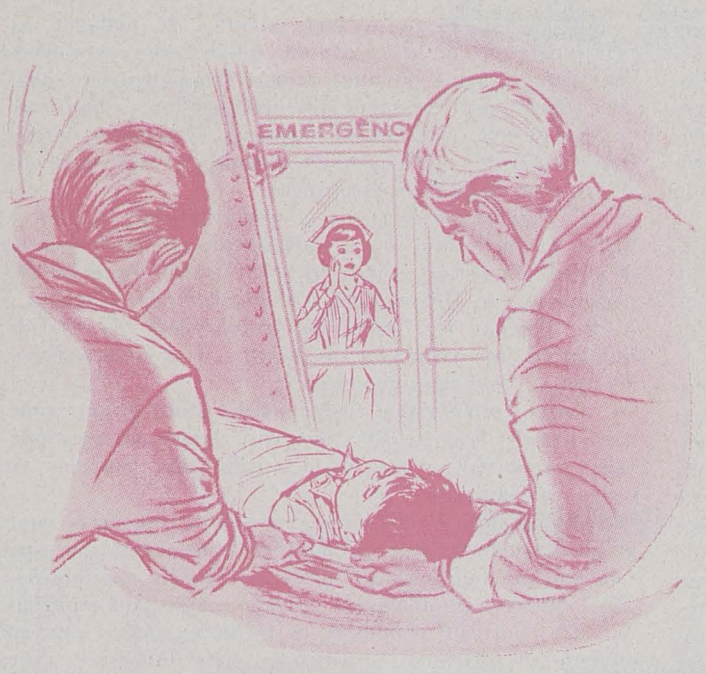
Escola Dominical Júnior

"As Placas de Ouro," n.º 5.

GRAVE

LEROY ROBERTSON





Página Feminina

CORAÇÃO FECHADO

Capítulo VI

Shirley Thulin

Resumo: *Joana Moreira, enfermeira-chefe do Hospital de Pilares, espera manter-se afastada de casos emocionais causados pelas dificuldades de seu paciente. Passa um fim de semana com Corina, sua companheira de quarto, na fazenda de seus pais e interessa-se pela família, principalmente por Huguinho. Certa tarde, no hospital, Joana ouve a sirena de uma ambulância e corre para a entrada de emergência.*

Joana chegou à porta de entrada quase junto com a ambulância. Seu coração batia desesperadamente. Quem será?, perguntava a si mesma. Oh, porque demoram? Parecia-lhe que levavam um tempo enorme para abrir as portas de trás e descer a maca até o chão de cimento. É alguma criança, pensou, pois conseguia ver a pequena cabeça. É um menino... depois gritou... "É Huguinho."

Joana estava atrás da grande porta de vidro do hospital e sabia que, pelos regulamentos, não podia descer para ajudá-los a carregar a padiola, como desejava. Sentia não poder descer até onde estavam, pois seu mais ardente desejo era tomar a criança nos braços e mantê-la junto a si. Preciso avisar Corina, pensou. Ia saindo, quando avistou os pais dela. Sua mãe chorava, mas não era um chôro sufocado, e sim silencioso e seus olhos estavam inchados. Desceram do carro e seguiram os enfermeiros com a padiola.

"Dna. Eugênia, o que aconteceu? Pode dizer-me?" Joana colocou seus braços ao redor do pescoço da senhora, que nada pôde dizer.

"Êle caiu de um cavalo," foi sua explicação.

"Vou buscar Corina." Joana correu em direção ao elevador.

A sala das enfermeiras estava do mesmo jeito de sempre: duas ou três enfermeiras escrevendo, telefonando, ou conversando baixo. Joana procurou Corina. Quisera não ter que lhe dizer, mas sabia que precisava. "Corina, venha comigo," disse.

"Está bem. Só um momentinho..."

"Já, Corina. Depressa."

"Corina olhou para a outra e seu rosto refletiu o que via nos olhos de Joana. "O que há?"

"Dir-lhe-ei no caminho..."

As outras enfermeiras olhavam-nas, surprêsas, mas Joana sentiu que Corina não gostaria que lhe dissesse alto, para que tôdas ouvissem. Sabia que o primeiro choque seria melhor aparado, se a mantivesse ocupada, correndo à sala de emergência.

"É Hugo. Está muito mal." Joana ainda segurava a mão de Corina e sentiu os dedos dela apertando fortemente sua mão; desejou poder falar alguma coisa para confortá-la.

"O que aconteceu? É grave?"

Foram silenciosamente até a sala de emergência; Corina estava quieta e Joana procurava palavras para confortá-la.

"Essas coisas parecem piores, a princípio," disse, mas, quando chegaram ao lado da pequena figura, agora na cama do hospital, ambas sabiam que êle não ficaria bom.

"Mamãe, oh mamãe." As palavras de Corina eram apenas um sussurro. "Como aconteceu?"

"Êle caiu..."

"Êle queria acompanhar os outros..." *Seu* Olavo estava com o chapéu nas mãos e o virava contìnuamente.

"Já lhes disseram alguma coisa?"

"Não."

"Oh, mamãe."

Joana percebeu, de súbito, que não havia lugar para ela ali. O pequeno Hugo era seu amigo, mas ela não era parte da família e não tinha razão para ficar ali ouvindo-os ... esperando um sinal de seu rostinho ... esperando um movimento de suas pálpebras. Saiu de mansinho, até o saguão e êles nem perceberam sua ausência. Por um momento, permaneceu ali parada, depois, quando virou-se para sair, viu o dr. Décio a seu lado.

"Acabei de saber, Joana. Disseram-me... é alguém conhecido de Corina?"

"É Huguinho. Oh, êle está mal, dr. Décio. Muito mal."

O médico não disse mais nada. Entrou no quarto e fechou a porta atrás de si. Joana caminhou lentamente até a sala de espera. Ia sentar-se e esperar as notícias, quando viu o dr. Nilo vindo em sua direção.

"Como está êle? Minha irmã está aqui?"

"Sim. Está lá dentro."

"Disseram-me que êle caiu do cavalo."

"Sim. Ainda está inconsciente."

O dr. Nilo entrou no quarto e fechou a porta.

Joana queria ir até a porta e esmurrá-la com os punhos. Queria tomar parte em tudo que estava acontecendo. Queria sentir novamente o calor das mãozinhas de Hugo ao redor do seu pescoço.

Não podia simplesmente sentar-se e esperar, por isso foi até o segundo andar. As enfermeiras esperavam-na; tentou falar calmamente, ao lhes dizer que o irmãozinho de Corina estava muito ferido. Queria também dizer-lhes que êle era seu amiguinho querido, mas não o fêz. Voltou às tarefas, doente por dentro e, cada vez que a porta do elevador abria, esperava ver Hugo sendo trazido para a sala de cirurgia. Mas êle não veio.

A tarde foi-se; veio a noite. Joana não conseguia encontrar nada que a distraisse e, por isso, foi ao primeiro andar. Precisava saber alguma novidade a respeito do garotinho tão querido.

"Alguma novidade?", perguntou à enfermeira daquele andar.

"Nada ainda. Estão trabalhando bastante com êle."

"Nenhuma ordem para preparar a sala de cirurgia?"

"Não."

"E raios-x?"

"Também não."

Joana mordeu os lábios. Isso era ruim, principalmente porque sabia que, se o dr. Décio não havia mandado preparar a sala de cirurgia e raios-x, era porque o menino estava bem mal. "Sinto-me tão inútil," pensou, como da outra vez.

Quando finalmente abriram a porta, correu em direção a ela. Era o dr. Décio. "Como está êle?" perguntou apreensiva.

"Muito mal, Joana. Êle não vai melhorar." O dr. Décio dirigiu-se a outra enfermeira e disse-lhe alguma coisa. Joana ficou parada. As lágrimas começaram a cair e ela nem se importou em enxugá-las. Virou-se, para que o médico não a visse chorando. Pareceu-lhe que se passaram horas até que a porta abriu-se novamente; Corina saiu com seus pais atrás de si.

"Vocês precisam descansar," disse-lhes. "Eu ficarei com êle."

Joana observou Corina levá-los à sala onde dna. Eugênia poderia deitar-se um pouco. Quando Corina voltou, Joana correu para ela.

"Corina, deixe-me ficar com êle. Você também precisa descansar."

"Estou bem, Joana. Obrigada."

"Por favor, Corina. Será melhor para que você o deixe."

"Mas eu disse a mamãe que ficaria."

O dr. Décio veio em direção a elas. Colocou seus braços sôbre os ombros de Corina. "Vamos, Corina, vou levá-la para seu quarto. Se houver qualquer mudança comunicarei a você."

Corina deixou-se conduzir por êle e juntos desceram para o saguão.

Joana passou pelo quarto de Huguinho, que estava em penumbra. A pequena forma sôbre a cama a assustava, de tão quieta que estava. Sentou-se ao lado de Hugo e começou a falar baixinho, mas êle não se moveu. Tudo lhe parecia irreal.

As enfermeiras, que entravam silenciosamente, examinando os tubos de líquido branco, pareciam figuras num palco. As que entraram para verificar a pressão, pareciam caracteres de algum livro. Até o dr. Décio, Corina e seus pais, pareciam figuras irreais.

"Joana, você precisa descansar." O dr. Décio entrara novamente e ela sentiu sua mão sôbre seus ombros, gentil e carinhosa. Sentiu vontade de colocar sua mão sôbre a dêle, mas não o fêz. Levantou-se e, sentindo-se próxima das lágrimas, correu para o saguão.

Enquanto caminhava em direção ao seu quarto, Daví veio até ela. "Joana, como vai Hugo? Alguma melhora?"

"Não, Daví. Nada ainda."

"Você parece estar cansada."

"E estou. Você quer apresentar o relatório por mim? Diga que voltarei ao trabalho dentro de algumas horas. Que me chamem, se precisarem de mim."

"Certo," disse êle e começou a andar, mas Joana ficou ali, parada, sentindo a necessidade de alguma coisa, não sabia o que. Não queria entrar no quarto sòzinha. Desejava que alguém a confortasse; lembrou-se da mão do dr. Décio sôbre seus ombros. Êle tentara confortá-la, mas ela erguera-se e afastara-se, sem uma palavra. Nem ao menos agradecera seu gesto de amizade, pensou.

Depois de duas horas, Joana voltou ao trabalho. Sentia-se melhor, mas seu pensamento ainda estava no primeiro andar, com Hugo; telefonava a cada momento, para saber. Mas não havia melhora. Foi visitar Marcelo. Quando abriu a porta, sorriu. As persianas estavam abertas e o livro de inglês estava em seu colo. "Olá, como vai o inglês?"

"Muito bem; mas eu preciso mesmo de ajuda. Gostaria de ter prestado mais atenção às aulas, quando estava no colégio."

Joana riu. "É sempre assim; só reconhecemos depois," disse, sentando-se a seu lado. "É maravilhoso vê-lo assim."

"Também sinto-me melhor."

"Logo você poderá ir para casa."

"Não." Marcelo fechou o livro e olhou para fora da janela. "Não quero ir para casa."

"Bem, por enquanto não," concordou Joana. Logo começaremos o tratamento terapêutico, para ver o quanto suas pernas poderão mover-se..."

"Eu disse que não quero ir para casa, nunca."

Joana olhou o rapaz. Tão orgulhoso, pensou. Em voz alta, perguntou-lhe o que planejava fazer. "Você não pode ficar aqui para sempre."

"Sei disso... Mas não posso ir para a fazenda. Não sei o que farei. Só sei que não posso ir para casa."

A voz de Marcelo não era áspera... um pouco nervosa, talvez, mas não áspera, o que era bom sinal.

"Marcelo, sua mãe precisa de você."

"Mas as crianças... não quero que me vejam assim."

"Elas se acostumarão, Marcelo."

"Não é apenas isso. Verei os cavalos e sentirei vontade de cavalgá-los. Verei o que precisa ser feito e sentirei minha inutilidade."

"Mas você poderá cuidar da direção da fazenda. Só o fato de estar lá será um apôio moral."

"Sim, grande apôio. Você não vê que não lhes poderei ser útil? Tenho que tentar a vida em algum outro lugar; mas, como poderei fazê-lo sòzinho? Diga-me, Joana, como poderei fazê-lo sòzinho?"

"Marcelo, vamos com calma. Primeiramente vem o tratamento terapêutico. Voltarei às duas horas e juntos experimentaremos."

"Sim, experimentaremos."

Marcelo olhou para a porta. O dr. Décio entrava nesse momento.

"Bom dia, Marcelo."

Joana levantou-se e, sem pensar, perguntou: "Como vai Huguinho?"

"Êle... êle está a mesma coisa." Sua voz disse as palavras, mas em seus olhos havia certa reprovação e, sùbitamente, Joana lembrou-se; quebrara a regra mais elementar dos livros de enfermagem. Falara de um paciente em frente de outro.

"Huguinho?", perguntou Marcelo e Joana sentiu-se mal. Esquecera-se que Marcelo era vizinho dêles.

"Sim. Hugo teve um pequeno acidente. Mas ficará bom." O dr. Décio olhou para Joana, depois para Marcelo. "Como vão os estudos?"

"Muito bem. O que aconteceu com Hugo? Está muito ferido?"

"Sim, Marcelo. Êle está bastante ferido..." A voz do médico estava firme, mas Joana sentiu que estava zangado. Desejou poder desaparecer dentro da terra.

"Joana, êle vai ficar bom? Como foi que se feriu?"

"Êle... caiu de um cavalo," Joana respondeu-lhe, "mas..." e tentou dizer-lhe que o garôto ficaria bom, mas não pôde.

"Êle não vai ficar bom, não é?" Marcelo olhava para Joana e para o dr. Décio. "Vai ficar bom?", quase gritou desta vez.

"Marcelo, você não deve preocupar-se." Joana levantou-se e dirigiu-se a êle. Colocou a mão em seu braço.

"Mas vocês têm que me dizer."

"Não sabemos ainda, Marcelo," disse o dr. Décio. "Ainda demorará um pouco para sabermos."

"Ontem, ouvi a sirene da ambulância e fiquei pensando quem seria." Marcelo voltou-se para a parede. "Hugo era o melhor amigo de Ricardo. Estavam sempre juntos..."

"Estarão juntos novamente, Marcelo," disse o médico. Marcelo não disse nada mais.

"Voltarei às duas, Marcelo," disse Joana e levantou-se para sair. O dr. Décio a acompanhou.

"Sinto muito," disse Joana, quando estavam no corredor.

"Não se preocupe... o que está feito, está feito."

"Ricardo é o irmãozinho de Marcelo?"

"Sim."

Andaram um pouco, depois o dr. Décio disse que esperava que o fato de Marcelo saber sôbre Hugo não desfizesse o que ela havia conseguido.

"Não creio que isso o afete," disse-lhe. "Talvez até o ajude a sentir vontade de ir para casa. Sentirá a necessidade de estar com os irmãos."

O dr. Décio não disse nada, depois voltou-se e sorriu para ela. "Não discordo mais de você; sempre estêve certa a respeito de Marcelo e tudo o mais."

Pararam e ficaram olhando um para o outro e, por um momento Joana pensou que êle ia dizer-lhe alguma coisa, mas um chamado de emergência fêz com que ambos se precipitassem para o primeiro andar. / *Continua.*

Use êste cupon para RENOVAR SUA ASSINATURA OU PRESENTEAR UM AMIGO COM A LIAHONA

A LIAHONA

Assinatura por um ano
Cr$ 3.000

Rua Afonso Braz, 464 - São Paulo

Nome_____

Enderêço_____

Zona Postal_____ Cidade_____ Estado_____

OBSERVAÇÕES: — 1) Certifique-se se no seu enderêço há entrega postal.
2) Não nos responsabilizamos pelas entregas postais.
3) Envie cheque visado, pagável na praça de São Paulo.
4) Se você é membro de ala não nos envie êste cupom, mas procure o nosso representante em sua capela.

NOTÍCIAS

Bússola da Fé na América Latina

Co-irmã da nossa Liahona e, como ela, um dos mais valiosos auxílios para as missões de fala espanhola, a Liahona em espanhol, produzida sob a supervisão do Departamento de Tradução, dirigido por J. Thomas Fyans e Eduardo Balderas, encarregado das traduções espanholas. O departamento está sob a supervisão do Bispo Victor L. Brown, do Bispado Presidente.

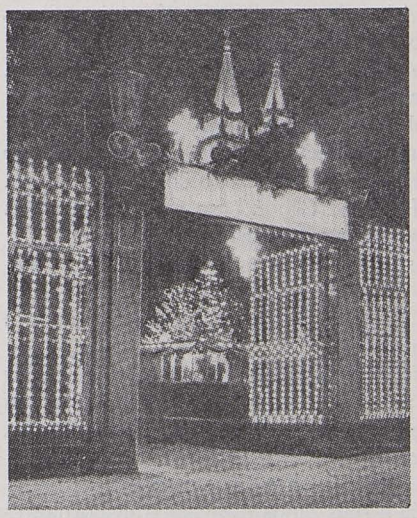
Todos êsses irmãos estiveram em visita a São Paulo e Montevideu no mês passado, onde vieram tratar de assuntos concernentes ao CEB, agora em fase de expansão para atender a intensa demanda de material, provocada pelo crescimento da igreja no Brasil.

O título da revista foi tomado do *Elders Journal*, publicado por mais de quarenta anos nos EUA, sob solicitação do Presidente Arwell L. Pierce, da Missão Mexicana. As edições em português e espanhol vieram substituir as várias edições locais das missões sul-americanas.



A partir da esquerda, vemos J. Thomas Fyans, Eduardo Balderas e Victor L. Brown

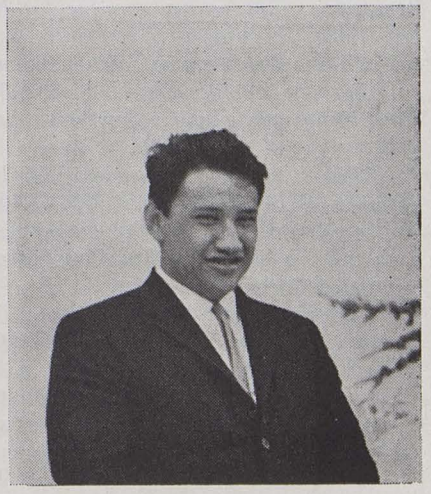
A Liahona, "uma esfera trabalhada de maneira curiosa", usada por Lehi durante a jornada no deserto como bússola, significativamente é hoje uma bússola dirigindo e ajudando a desenvolver a fé na América através das palavras dos líderes da Igreja.



A praça do templo está engalanada

Todos os anos a praça do templo em Salt Lake City apresenta-se deslumbrante aos olhos dos que a visitam. Em comemoração às festividades natalinas, a praça é feèricamente iluminada com milhares de pequenas lâmpadas, que delineam a delicada filigrana dos edifícios da praça. Nesta vista tomada do portão sul do quarteirão do templo, a placa diz: "Boa vontade para com os homens," identificando o propósito do templo, cujas tôrres ao fundo, acham-se iluminadas por holofotes coloridos.

Quando a neve cobre com um manto branco os jardins do templo, o espetáculo ganha uma imponência comovedora.



Visita vem apressar o desenvolvimento da Igreja

Desembarcou no mês passado em São Paulo, proveniente da Cidade do México, o irmão Robert P. Morgan, do Translations Services Departement. Sua estada em São Paulo liga-se aos intensos preparativos para equipar o Centro Editorial Brasileiro com todo o necessário para tornar independente o serviço gráfico da Igreja no Brasil. A instalação de máquinas próprias é um requisito inadiável para apressar o desenvolvimento da Igreja em nosso país. Após ter visitado, em companhia do Bispo Hélio da Rocha Camargo várias firmas da capital paulista, o irmão Morgan seguiu viagem para Salt Lake City. Na foto, recordações saudosas de sua estada entre nós.



Testemunho vivo do poder divino

Te Rauparaha Wineera, nascido a 4 de maio de 1944 é um testemunho vivo do poder do Sacerdócio de Melquisedeque.

Nascido cego, aos nove meses de idade, foi abençoado pelo então presidente da Missão Neo Zelandesa, Mathew Cowley, após o que ganhou a visão. O relato dêste importante acontecimento foi apresentado em nosso último número.

ASSINANTE:

A partir de janeiro você pode fazer a sua assinatura para vencimento em qualquer data. Procure o representante da sua ala ou ramo e coopere no concurso promocional.



MEU CANTINHO

Golden Boy, o potrinho

Conclusão

Evelyn Cox

Resumo: *Tim estava convencido de que Golden Boy, seu potro, se curaria. Entretanto, a despeito de todo o cuidado que dispensou ao potro, Golden Boy enfraqueceu-se e emagreceu ainda mais. Na manhã em que Tim veio alimentá-lo, não ouviu o familiar relincho.*

Com o coração aos pulos Tim levantou a porta da garagem e correu ao canto onde Golden Boy jazia. Curvou-se sôbre o potrinho. Golden Boy estava imóvel. Pondo a garrafa de leite no chão, Tim correu ao estábulo onde seu pai ordenhava as vacas.

"Papai, Papai, Golden Boy... êle não se move... Temo que esteja... esteja morto!" Os olhos marejados de Tim estavam cheios de pesar.

"Sabíamos que isso poderia acontecer, Tim," seu pai disse carinhosamente ao abraçar e apertar o filho por alguns momentos. Então disse: "Venha, Tim."

Correram à garagem, e o pai de Tim curvou-se sôbre o potro. "Golden Boy ainda respira, Tim, mas está muito mal." Olhou a junta da perna trazeira. "Parece-me que se formou um abscesso na sua perna."

"Papai, por favor chame o dr. Roberts e veja se há algo que possamos fazer." Pediu Tim.

Tim acompanhou o pai até a casa e ficou por perto enquanto o mesmo discava o número do telefone do veterinário.

"Alô, dr. Roberts, é Tom Mason. Acho que se formou um abscesso na perna do potro. Está passando muito mal esta manhã. Há algo que possamos fazer por êle?"

Seus olhos estavam em Tim ao esperar pela resposta. Recebeu-a e pôs o fone no gancho.

"O que foi que êle disse, papai? Que êle disse? Tôdas as fibras do corpo de Tim estavam tensas para ouvir a resposta.

"Disse que passará aquí hoje — tem outro chamado aquí perto — e passará para dar uma olhada no potro."

"Só isso? Não lhe disse o que poderíamos fazer por Golden Boy até que êle chegue aquí?"

"Não, filho, não há nada que possamos fazer — apenas esperar — até que o médico venha."

Tim apertou os lábios para controlar sua emoção. Voltou-se e com a cabeça baixa, deixou a casa.

Sentou-se na palha ao lado do potro e fixou o olhar para a frente enquanto sua mão acariciava o fino pescoço de Golden Boy. Foi despertado pelo ruido de uma porta de automóvel sendo fechada. Olhou para cima quando seu pai e o dr. Roberts entraram pela porta da garagem.

"Alô, Tim", disse o dr. Roberts bondosamente. "Vamos dar uma olhada na perna de Golden Boy."

Ajoelhou-se na palha e carinhosamente levantou a perna trazeira do animal.

"As compressas quentes localizaram a infecção. Vou lancetar sua perna e assim o veneno será drenado. Poderá dar-lhe alguma possibilidade." Fitou Tim. "Lembre-se, Tim, eu apenas disse que êle *talvez* fique bom."

A despeito do esfôrço de Tim em controlar sua emoção, seu queixo tremia e seus olhos estavam transbordantes de lágrimas ao assentir com a cabeça.

O médico foi até o carro buscar sua valise de remédios. Trouxe a mala prêta para a garagem e colocou-a no chão. Apanhou um frasco de remédio avermelhado e derramou-o na perna do potro. Então Tim viu-o levantar uma pequena faca com uma lâmina muito afiada, chamada escalpêlo.

"Você segurará firme a perna do potro enquanto eu a lanceto?" pediu o veterinário ao pai de Tim.

Tim não podia suportar aquilo. Virou o rosto, cerrou os dentes e apertou as mãos.

"Terminou, Tim. O dr. Roberts terminou."

Ouvindo a voz do pai, Tim virou-se. O veterinário estava guardando suas coisas na maleta prêta.

"Está tudo bem, Tim. Eu também quero que seu potrinho viva. Se êle sobreviver às proximas vinte e quatro horas, terá possibilidade de viver. Você pode continuar a aplicar compressas quentes para manter o ferimento drenado." Tim assentiu com a cabeça, emocionado que estava.

Golden Boy jazia quieto enquanto Tim ajudava seu pai a aplicar compressas quentes, mas recusou o leite que o menino trouxera. Tim quase não deixou a garagem o dia todo. E quando foi chamado para se lavar para o jantar, quase não tocou na comida. Com um pêso no coração Tim foi para a cama.

O despertador o acordou às duas da manhã. Preparou a garrafa de leite quente e foi para a garagem. Ao destrancar a porta, o mêdo o enfraqueceu e êle relutou em levantar a porta. Estaria Golden Boy ainda vivo? Seu coração saltava ao acender a luz e dirigir-se ao canto onde o potro jazia.

Golden Boy tentou levantar a cabeça, e relinchou dèbilmente. A alegria vibrou em Tim ao cair de joelhos e levantar a cabeça de seu amado potrinho. Forçou o bico da mamadeira na bôca de Golden Boy e o potrinho mamou um pouquinho. Quando êle recusou mais, Tim pôs a garrafa no chão e sentou-se encostando-se na parede. Deitou a cabeça de Golden Boy no seu colo e acariciou o pêlo dourado.

Às seis horas, quando o pai de Tim veio ordenhar as vacas, encontrou o garôto profundamente adormecido, com a cabeça de Golden Boy ainda repousada no seu colo. Sorriu ternamente ao apagar a luz da garagem e tocou o ombro de Tim para acordá-lo.

Tim abriu os olhos sobressaltado e olhou ao redor.

"Assim você apanha um resfriado, Tim".

Tim assentiu. "Papai, êle tomou um pouco de leite. Vou esquentá-lo e ver se quer mais um pouco." Entorpecido, levantou-se e levou a garrafa para casa.

Três horas mais tarde o dr. Roberts voltou novamente. Tim o saudou com um sorriso.

"Muito bem, meu rapaz, você parece feliz. O potro deve estar melhor."

"Está, está sim senhor."

O pai de Tim juntou-se a êles ao dirigirem-se para a garagem.

"Êle tomou leite durante a noite e novamente esta manhã," disse Tim.

"Isto é ótimo, vejamos se sua perna melhorou desde ontem."

Ao som das suas vozes, Golden Boy levantou a cabeça e relinchou maciamente.

"Já desinchou consideràvelmente. Mantenha a aplicação das compressas quentes por mais hoje e dentro de uns dias seu potro estará de pé. Seu terno e amoroso cuidado deram resultado, Tim. Você salvou a vida do potro," disse o médico.

"É verdade," acrescentou o pai de Tim. "O bom cuidado, com muita fé ajudou bastante." Seu braço escorregou pelos ombros de Tim e sua enorme mão apertou o braço do garôto.

"Eu sabia que Golden Boy melhoraria. Algum dia êle será um cavalo de cinco andaduras, como seu pai. Vou treiná-lo," disse Tim com convicção. Sua alegria, tal como um facho de luz solar através de nuvens tempestuosas, iluminou tôda face.

"Acredito, sim senhor, acredito nisso," disse o dr. Roberts, abanando a cabeça ao dirigir-se para o carro. Sorriu ao olhar para trás, acenando em sinal de despedida.

"Muito obrigado mais uma vez, dr. Roberts," exclamou Tim, e voltou-se para Golden Boy, o potrinho.

(continuação da pág. 13)

objetivo e sem jamais atracar-se consigo mesmos com respeito à correta escolha vocacional. Os estudantes que têm, ou que pensam que têm objetivos vocacionais usualmente alcançam melhores graus e menos absenteísmo que os estudantes que não têm metas vocacionais. Os estudantes que têm interesses definidos acêrca de objetivos vocacionais raramente abandonam o secundário.

Os estudantes com objetivos vocacionais que requeiram instrução superior deveriam matricular-se em escolas que melhor os prepararíam para a admissão a um emprêgo. Cada ano há milhares de calouros com metas profissionais fantasiosas, que caem fora logo no primeiro trimestre, no primeiro semestre ou no primeiro ano, ao descobrirem que suas aptidões e interesses não estão nestes campos. Se suas escolhas profissionais se tivessem fundamentado sôbre um alicerce mais firme, teriam mais proveitosamente se matriculado em escolas e institutos vocacionais. Há um número muito maior de trabalhadores empenhados em técnica, especialidades, clero, vendas e serviços gerais que nas profissões liberais. Igualmente, com outras metas que as profissionais, muitos estudantes podem ter aptidões para as carreiras liberais, e poderiam proveitosamente dedicar-se a êsse objetivo.

A Igreja

A Igreja poderia desempenhar um papel muito maior em ajudar os jovens a fazer escolhas vocacionais acertadas. Membros da Igreja com talentos e habilidades negociáveis dependem raramente da assistência pública. A verdadeira base do bem-estar econômico e pessoal é a posse de talentos e habilidades negociáveis, e seu uso produtivo.

Os professôres da Escola Dominical, Sacerdócio Aarônico e da Associação de Melhoramentos Mútuos têm uma ótima oportunidade de encorajar os jovens a pensar sèriamente na escolha vocacional. Uma palavra de encorajamento ou uma observação cortês sôbre êste assunto, seja diante do grupo ou em conversa privada podem ajudar bastante os jovens ouvintes a considerarem sábia e sèriamente a seleção de seguras metas vocacionais.

A grande atividade escoteira da Igreja, com o seu programa de medalha do mérito, é verdadeiramente uma das melhores espécies de exploração vocacional. O âmago do programa de Escoteiros Exploradores é a exploração vocacional destinada a ajudar um garôto a fazer a escôlha certa.

Palavras bondosas e encorajadoras proferidas dos púlpitos das alas e dos ramos, ou pelas autoridades gerais, que digam respeito à sábia escolha vocacional influenciam bastante, tanto as mentes dos jovens quanto a dos adultos.

E, finalmente, mantenhamos êste truísmo em mente — aquêle que tiver escolhido a vocação certa, terá encontrado o céu na terra e felizes experiências no seu trabalho!

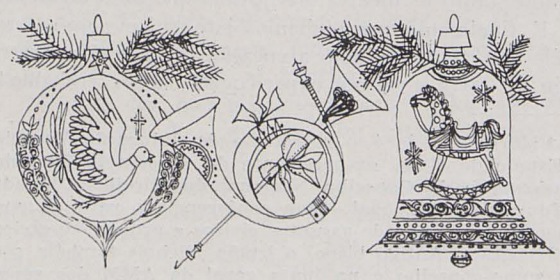
---

*Mark Nichols é o secretário da Educação Vocacional do Estado de Utah, ex-presidente da Associação Vocacional Americana e do Conselho Nacional de Diretores Estaduais de Educação Vocacional. Tem conferenciado para grupos de homens de negócios, de assuntos cívicos e grupos educacionais em 37 países. Antigo bispo, o irmão Nichols também serviu num sumo-conselho e na junta geral da AMM dos rapazes.

JUVENTUDE DA PROMESSA

As lendas e as verdades

Eis aqui como começaram algumas das lendas de Natal.

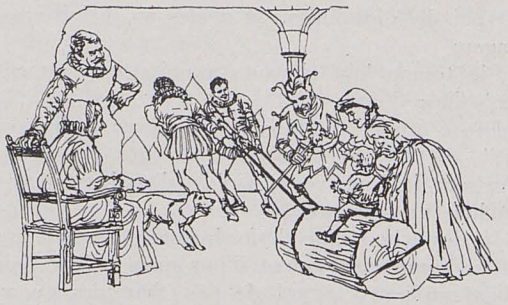




De Nicolau de Lícia, (antigo país da Ásia Menor Meridional), um homem bom e presenteador, que estêve presente no Conselho de Niceia, em 325 a.D., surgiu o alegre personagem conhecido como Papai Noel.



De São Bonifácio (monge inglês missionário na Alemanha do século VII) vem o uso do pinheiro... "uma árvore viva apontando o céu".



....Da Inglaterra vem o tronco de yule, um símbolo da antiga celebração celta do virar da roda do tempo.



Da escandinávia e da Sibéria vêm o trenó e as renas, acrescentados à lenda de Papai Noel pelos povos setentrionais, quando a idéia de São Nicolau os alcançou.



Do Oriente vieram os Magos trazendo presentes para o Menino. Agora as crianças de todo lugar recebem presentes no aniversário de Jesus Cristo.



Da Festa das Luzes, ou da Dedicação dos Judeus, (Hanukkah, festival da dedicação do Templo, por Judas Macabeu, em 165 A.C.), vêm as velas em profusão, em todos os tamanhos e formas.



Dos drúidas vem o azevinho com suas frutas vermelho sangue. Consideravam-no como a corôa de espinhos do Salvador e usavam-no para afastar os maus espíritos.



Da Alemanha vêm as canções de Natal, muitas vêzes acompanhadas de danças folclóricas.



De Roma vem a idéia da decoração da árvore, remanescente de um costume pagão de pendurar pequenas réplicas de Baco nas vinhas e nas árvores para favorecer a fertilidade.

A LIAHONA

E do pessoal da Liahona vem a calorosa saudação de um felicíssimo Natal com os votos de que você possa sempre pautar sua vida por Cristo, a quem cultuamos, pois Êle não é mera lenda, ou símbolo ou derivado. ÊLE VIVE! Sabemos que vive, que nos ama e que deseja que sigamos os seus ensinamentos, para que possamos retornar à presença do Pai Celestial.



MEMÓRIAS DE NATAL

Na seguinte carta, escrita de Santa Mônica em 29 de dezembro de 1914 a um de seus filhos, o Pres. Joseph F. Smith relata algumas experiências pessoais que serão lidas com ternura e prazer durante êste Natal.

"Meu bem amado filho:

A sua animadora e agradável carta de Natal chegou-me ontem às mãos e a li e reli com prazer em meio a lágrimas de agradecimento.

Sua carta levou-me não só à infância de vocês, mas também à minha própria. De 1846 a 1849 não conheci nenhum Natal e nenhum feriado; e, se realmente tivemos uma comemoração de Natal ou de Ano Nôvo antes de 1846 ou até o dia em que me casei, neste momento não me recordo. Fui carroceiro, vaqueiro, moço de arado, irrigador, segador, arrastador de lenha, debulhador, joeireiro, órfão de pai e mãe, missionário quase sem amigos e, sobretudo, sempre sem um tostão no bôlso.

Eu disse "quase" sem amigos, pois tive uma verdadeira amiga, uma viúva velhinha e fraca — mas, oh! tão fiel! Ela era alguém para nunca se esquecer e ser amada e lembrada; era minha tia Mercy R. Thompson. Ela, bem como minha querida mãe, nunca se esqueceram de mim enquanto viveram. Mas naquele tempo não tinham quase nada e sòmente para se viver já era necessário uma luta contínua.

Mas depois dessas experiências fatigantes, os meus preciosos querubins vieram e estávamos vivendo com três dólares por cada dia de trabalho, mesmo pagando mercadorias de dízimo a preços elevados. Bem, eu nem sei como é que pudemos sobreviver, mas conseguimos! (cont. pág. 42)

(cont. da pág. 21)

Aqui vemos que os ensinamentos são racionados com respeito não sòmente a estranhos, mas dentro da própria Igreja. No princípio do segundo século, Inácio escreveu aos santos de Trales que lhe tinham pedido uma carta sôbre os mistérios: "Gostaria de escrever-vos sôbre as coisas celestiais (ou de coisas mais cheias de mistério), mas temo fazê-lo, para que não vos inflija dano, a vós que não sois mais que meninos... serieis sufocados por semelhantes coisas."[41] No mesmo espírito Clemente de Alexandria, tal como vimos, recusou-se a confiar certas coisas por escrito, porque dá-las às igrejas da sua época seria como dar uma espada a um menino.

Quase todos os escritos cristãos mais primitivos são endereçados "às sociedades secretas dos iniciados," costumeiramente com estritas instruções de que a sua circulação deveria ser cuidadosamente limitada.[42] Típico é o recém encontrado *Apócrifo de Tiago,* que começa: "Desde que me pedistes enviar-vos um livro secreto de revelação, a qual foi dada a Pedro e a mim pelo Senhor, não posso recusar-me ou calar-me... mas, envio-vos a vós e a vós sòmente... Cuidai em não deixar que êste livro do Senhor seja comunicado a muitos. O Salvador não quiz que fôsse transmitido a todos os Doze.[43] Num dos escritos Clementinos, Pedro ordena a Clemente "ocultar esta revelação numa caixa, para que os homens tolos não a vejam."[44]

E numa epístola Clementina, Pedro escreve a Tiago: "Rogo-vos que não deis aos gentios nenhum dos escritos que vos envio; transmití-os sòmente àqueles que já foram experimentados e provados: "especificamente destinam-se àqueles "os setenta e dois" tal como Moisés comunicou suas informações a um número semelhante de anciãos. Isto é interessante porque Eusébio cita uma declaração autêntica de Clemente, que o Senhor após a ressurreição deu a gnose tão sòmente a Pedro, Tiago e João, que por sua vez a comunicaram aos Doze e aos Setenta e Dois.[45]

A circulação dos escritos antigos foi posteriormente limitada pela dificuldade do idioma no qual eram originalmente escritos, tal como Crisóstomo o notou há bastante tempo atrás.[46] Mas, para tornar as coisas ainda mais difíceis, eram freqüentemente escritas num jargão especial, uma "linguagem especial", de fato, que agora começou a receber bastante atenção.[47] As minorias perseguidas têm uma maneira de fechar-se e de desenvolver um idioma secreto próprio para sobrepujar em astúcia a malícia atenta dos seus opressores.[48] De alguns dos escritos nos Textos do Mar Morto, por exemplo, "pode-se dizer, com pequeno exagêro, terem sido escritos em código," tanto quanto o foram importantes Apócrifos Judáicos tais como Daniel, Enoque, o Testamento dos Doze Patriarcas e os Oráculos Sibilinos.[49] A importante *Odes de Salomão* tem sido descrita por um dos seus editôres como "um criptograma sôbre criptograma"![50] Na verdade, o significado original de "Apócrifa" é *escrito secreto* — escrito muito sagrado para ser divulgado a um mundo cínico e incrédulo: "Um livro apócrifo," escreve M. R. James, "foi — originalmente — muito sagrado e *secreto* para estar nas mãos de todo mundo: devia ser reservado ao iniciado, ao círculo interior dos crentes."[51] A teoria era que "tôdas estas coisas foram ocultadas dos mortais comuns; foram conhecidas dos grandes heróis nacionais do passado, tais como Enoque, Noé, Abraão, Moisés e outros, tendo-lhes sido revelados por anjos..."[52]

A. D. Nock encontra no próprio Nôvo Testamento "escritos de homens de devoção esotérica endereçados sòmente aos seus irmãos espirituais,"[53] e Riesenfeld agora sustenta que o evangelho de João consiste amplamente das meditações de Jesus pronunciadas confidencialmente no círculo dos seus Apóstolos.[54] "Quando abrimos a Septuaginta e o Nôvo Testamento," escreve Nock, "descobrimos imediatamente um estranho vocabulário... produto de um mundo fechado vivendo a sua própria vida, um guêto cultural e lingüisticamente; pertencem a uma literatura inteiramente escrita para iniciados."[55] É isto que tem apresentado "o estranho mundo do Nôvo Testamento" de maneira tão "desconcertante" e "exótica", segundo o professor Cross.[56] A peculiaridade consiste não na invenção de novas palavras mas no uso de palavras familiares num nôvo e estranho contexto, "para expressar uma nova categoria" de coisas.[57] Um exato paralelo disto é a adoção SUD de tais palavras legais e especializadas tais como testemunho, investidura, sacramento, conferência, selamento etc., em contextos que o mundo exterior não poderia compreender.[58]

A interpretação especial que os sectários e os primitivos cristãos dão às palavras familiares não deve ser confundida com a posterior prática da interpretação alegórica, como lembra Culmann. Os escritos de João especialmente, salienta êle, estão cheios de significados duplos, mas em João isto não é mera presunção literária, mas transmissão de informação àqueles que têm ouvidos para ouvir.[59] Um recente achado ilustra êste princípio pela mais conhecida das parábolas, aquela do Bom Samaritano. Para um estranho esta é uma história de excelso propósito humanitário e moral, completamente satisfatória em si mesma. Não obstante, agora evidencia-se que nenhum primitivo cristão poderia possìvelmente ter deixado de notar o real significado do vinho e do óleo que cura o homem ferido como representativos do sacramento e da unção que muda a alma humana doente em um estado saudável, graças à intervenção do Senhor, que é o Bom Samaritano.[60]

Os recém descobertos escritos apócrifos, tanto judáicos como cristãos, referem-se com surpreendente freqüência ao plano de salvação como um tesouro oculto ou enterrado. Aceitam a doutrina, tal como expressa por Lactâncio, de que "Deus ocultou o tesouro da sabedoria e da verdade," para que assim os homens sábios da terra jamais estejam aptos a descobrí-lo pelos seus próprios esforços.[61] Através das eras Deus tem aberto seu tesouro a poucos fiéis que se provaram leais ao convênio e lhes permitiu partilhar do conhecimento do seu plano: "O tesouro do Rei santo é aberto de repente, e aquêles que dignamente partilham das boas coisas alí descansam, e descansando reinarão."[62] Nos *Reconhecimentos,* Pedro explica que Deus sempre ocultou o Reino, como um rico tesouro, "mas não obstante tem provocado a sua divulgação, sob vários nomes e opiniões, para ser espalhado por todo lugar através das sucessivas gerações, para que todos o ouçam." Todos os homens, eis aí, têm numa ocasião ou noutra recebido algum incentivo para tomar ao menos um passo preliminar na direção da busca do evangelho; todos os homens, conseguintemente, estão na obrigação de aprofundar a busca — ninguém está

sem alguma notícia do tesouro, não importa quão distante, "... para que assim todo aquêle que deva ser amante do que é bom, ouvindo a notícia, possa ser levado a inquirir."[63] O paralelo com Alma 32 é notável. É Cristo que move os homens a buscar, segundo Pedro, e é diretamente a êle que deveriam recorrer em busca de orientação na sua procura, sendo movidos "... não por sí mesmos, mas por aquêle que o ocultou, assim deveriam orar para que o sucesso e o caminho do conhecimento possa ser-lhe dado: caminho êsse que é aberto sòmente àqueles que amam a verdade acima de tôdas as boas coisas dêste mundo; e sob nenhuma outra condição pode alguém nem mesmo começar a compreendê-lo..."[64] Novamente, o livre e liberal acesso a todos os homens, e novamente, os seguros controles embutidos contra aquêles que não o buscam com puro intento. Um famoso *Logion* de Jesus, agora manifesto no Evangelho de Tomás, recomenda a todos serem pesquisadores diligentes: "Que aquêle que busca ao Pai não desista até encontrá-lo; e tendo-o encontrado, que se maravilhe; e estando maravilhado reinará, e reinando descansará."[65] / *Continua.*

(*) No original schollmen (NT).

(**) Localização das referências acrescentadas pelo tradutor (NT).

NOTAS

1. Eusébio, *Church History,* I:1.
2. Orígenes, *Peri Archon,* 1:2,4,6-10.
3. W. Schneemelcher *Neutestamentliche Apokryphen* (1959), 1:33.
4. H. Nibley, in *Church History,* 30 (1961), p. 13, seguindo A. Norden.
5. F. Overbeck, *Ueber die Anfänge der patristischen Literatur* (Basiléia, 1954), págs. 23 e seguintes.
6. Schneemelcher, *op. cit.,* 1:14, 32 fólio, 43, 47.
7. J. Leipoldt, in *Religionsgeschichte des Orients in der Zeit der Weltreligionen* (Leiden: Brill, 1961), págs. 6-7.
8. Ver *The Improvement Era,* 68 (Janeiro de 1965), págs. 35 e seguintes.
9. Schneemelcher, *op. cit.,* I, 51. Mesmo os Apócrifos mais antigos foram "distorcidos pela nova literatura popular de edificação." Ibid., pgs. 35 e seguintes.
10. *Ibid.,* I, 14, 33, 51.
11. Tôdas estas citações são de Clemente de Alexandria em *Stromatum,* I, i, in J. P. Migne, *Patrologia Graeca,* VIII, 704.
12. *Ibid.* 705.
13. *Ibid.* 704.
14. *Manual of Discipline* (IQS), V, 11.
15. K. Köhler, *Jewish Quarterly Review,* NS XI (1920), p. 147.
16. Expressões típicas estão no *Zadokite Fragment,* III, 13-15: *o Battle Scroll (Milhama),* XVII, 8-9; *Manual of Discipline,* IV, 6; V, 10; VIII, 11 folio; IX, 16-17; XI, 5,19; Talmud, *Sab.* IX, 3-4.
17. H. Zimmern, in *Zeitschrift d. deut. Morgenländ, Ges.,* 74 (1920), p. 443; M. Black, *The Scrolls and Christians Origins* (Nova York, Scribner's, 1961) págs. 67-71; R. Eisler, *Jesuous Basileus* (Heidelberg, 1930), II 21, 698; Talmud, *Erub.,* VI, 11.
18. Justino, *Dialogue,* 55:3,120.
19. Do *Slavic Halosis,* texto in R. Eisler, *op. cit.* II, 9.
20. Evangelho de Filipe, 105:28,106:1, "... êle próprio revelou como poderiam vê-lo... ao grande como grande... ao pequeno como pequeno; aos anjos como um anjo, aos homens como um homem..." Assim também na primitiva *Epístola dos Apóstolos* (Etíope), c. 14 (25); (Cóptico) c. VII; e Orígenes, *Contra Celsus,* VI, 77, in *Patrologia Graecca* XI, 1416; as *Odes de Salomão,* nº 3; os *Hinos de Ação de Graças.*
21. Conforme o *Gospel of Truth,* pág. 21 (F XIr), um ensinamento gnóstico comum.
22. I João 3:2, I Cor. 13:12.
23. *Reconhecimentos Clementinos,* II, 4.
24. Mat. 3:9; Lucas 3:9; Mat. 21:23; Marcos 11:28-33; Lucas 20:2-8; etc.
25. *Reconhecimentos Clementinos,* II, 60.
26. *Ibid.,* I,15,23.
27. *Ibid.,* I,52.
28. *Ibid.,* VI,25.
29. *Ibid.,* I,47-48.
30. *Homília Clementina,* XIX, 20, in *Patrologia Graeca* II, 441.
31. Discutido por R. Harris, *The Odes and Psalms of Solomon* (Cambridge, 1909), pág. 101.
32. Lactâncio, *Divine Institutes,* VIII, 26, cit. Harris *l.c.*
33. *Reconhecimentos Clementinos,* III. 1.
34. Discutido por M. Peuch, in *Vigiliae Christianae,* 12 (1958), pág. 186.
35. Clemente de Alexandria, *Stromatum,* I, xii, in *Patrologia Graecca,* VIII, 753.
36. *Reconhecimentos Clementinos,* III, 34.
37. *Ibid.,* IV, 35.
38. Atos 15:23,29. discutido nas antigas *Constituições Apostólicas* (um escrito Clementino), VI, 12, in *Patrologia Graecca.* I, 941 e seguintes.
39. Citado in Irineu, *Adv. Haereses,* V, 36 Papias é um dos mais antigos Padres da igreja.
40. *Testamento de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rahmani,* ed. I xviii (págs. 22) A palavra siríaca é equivalente ao grego *taxis* e ao latim *ordo* e refere-se, de acôrdo com Rahmani, ao terceiro céu. Cf. com *The Gospel of Truth,* 21:4-6, onde "sòmente os viventes que estão no Livro da Vida" receberão êsses ensinamentos.
41. Inácio, *Epist. ad Tralles,* c. 5.
42. P. Batiffol, in *Revue Biblique,* 1911, pág. 32.
43. *Apócrifa de Tiago,* 1:8-25, M. Peuch, trad. in *Vigiliae Christianae,* 8(1954).
44. R. M. James, *Apocryphal New Testament,* pág. 520.
45. *Clemente, Epistle* in *Patrologia Graeca,* II, 25, 28-32; cf. Eusébio, *Church History,* III, 32.
46. João Crisóstomo, *De obscuritate prophetarum,* ii, in *Patrologia Graeca,* 56:178, observa que, desde que é impossível traduzir perfeitamente de uma língua para outra, sempre deve haver um elemento obscuro no ensinamento das escrituras.
47. B. J. Knott, "The Christian 'Special Language' in the Inscriptions," in *Vigiliae Christianae,* 10(1956), 65-79.
48. Os primitivos cristãos, da mesma forma que os sectários judeus do deserto foram um movimento "subterrâneo," J. Jeremias, in Zeitschrift für Neutestamente Wissenschaft, 42(1949), 184-194.
49. J. Teicher, *The Habakkuk Scroll,* pág. 47.
50. R. Harris, *Odes and Psalms of Solomon,* pág. 121.
51. R. M. Japes, *op. cit.,* p. xiv.
52. M. Oesterley, *Introduction to the Books of the Apocrypha* (Nova York, Macmillan, 1935), pág. 71.
53. A. D. Nock, in *Journal of Biblical Literature,* 52(1933), pág. 132.
54. Citado por R. Marle, in *Studes,* 302(1959), pág. 71.
55. Nock observa que a anterior explicação da linguagem peculiar do Nôvo Testamento como sendo simplesmente grego vulgar não mais é aceita, uma vez que nada há no Koiné "correspondente ao sabor semítico dos primitivos escritores cristãos. Nada pode ser menos semelhante às cartas Paulinas que a maioria dos documentos coligidos por Deissman para ilustrar o Grego prevalescente da época. *Op. cit.,* p. 138.
56. F. Cross, in *Christian Century,* Agôsto 24, 1955, pág. 971.
57. Nock, *op. cit.,* pág. 132.
58. Justino, *Dialogue,* 100, dá uma lista de tais palavras, da mesma forma que Nock, *op. cit.,* pág. 134 e H. Gressman, *Ursprung der Gnosis,* pág. 335.
59. O. Cullmann, *Urchristentus und Gottesdienst* (Zurique, 1950), pág. 51.
60. Evangelho de Filipe, 126.
61 Lactâncio, *Divine Institutes* in *Patrologia Latina,* 6:452; o mesmo fêz Tatiano, *Orat.* 6; êste é o "Tesouro de Luz," e.g. in *Second Book of Jeu,* C. Schmidt, ed., in *Texte u. Unters,* VIII, 196.
62. *Acta Thomae,* Bonnet, ed., (pág. 243). O tema é amplamente desenvolvido no antiquíssimo hino intitulado "A Pérola." Estas são as "pérolas" e os "tesouros" do Nôvo Testamento, G. Quispel in *Vigiliae Christianae,* 12 (1958), 186.
63. *Reconhecimentos Clementinos,* III, 53-58.
64. *Oxyrhynchus Logion* nº 9(2): *Gospel of Thomas, Logion* nº 2, cf. Ns. 81, 88, 96; *Gospel of Truth,* 17:3.

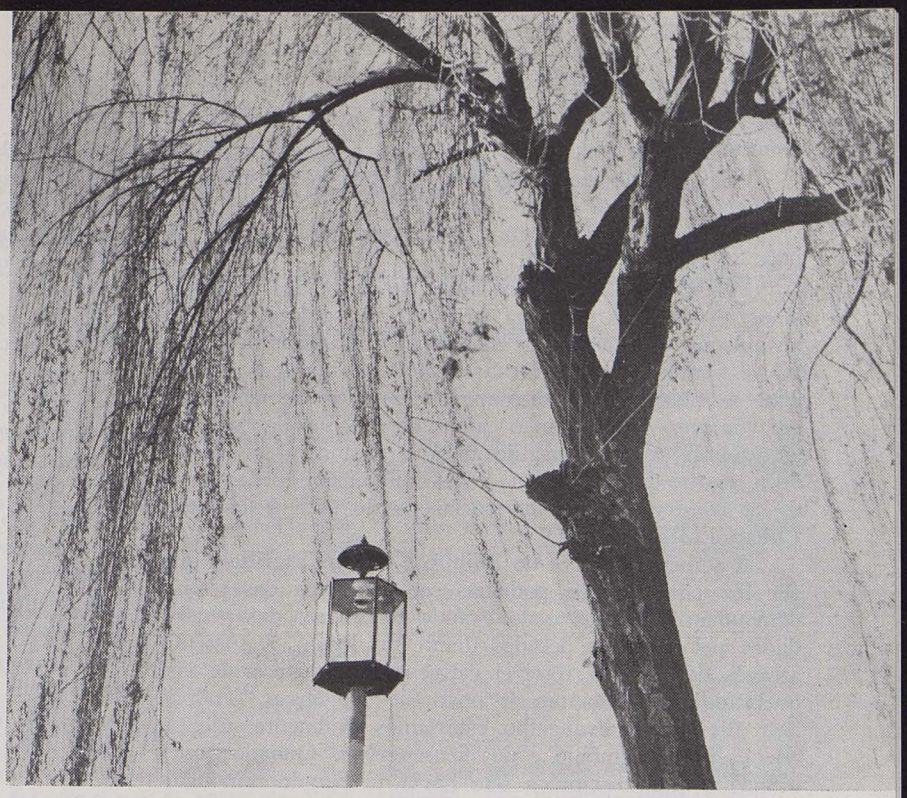


Foto de
Rui M. Bronze

Jóias do Pensamento

TRABALHO: UM REMÉDIO MILAGROSO

Richard L. Evans

Falando de trabalho e lazer, divertimento e busca de prazer, há algo mais a se considerar: o trabalho é essencial; é essencial à sobrevivência. É indispensável para a paz de nossas mentes, para a nossa saúde e felicidade. É indispensável para o desenvolvimento da mente, espírito e alma do homem — pois, "...é sòmente através do serviço dedicado que o homem se completa."[1] É tão essencial que um serviço pretensioso ou um serviço deficiente raramente resultam em satisfação real nem ao que o fêz e nem para quem está sendo feito. Quando Fídias foi criticado por um companheiro, por estar esculpindo uma estátua com muito cuidado, cujos detalhes não seriam observados na cúpula do templo ateniense, o escultor respondeu: "Os homens talvez não vejam, mas os imortais verão."[2] E poderia ter acrescentado: o próprio trabalhador o verá. "O aperfeiçoamento do homem é demonstrado em seu trabalho," disse Carlyle. E também a sua imperfeição, pois no trabalho ambos podem manifestar-se de muitas formas. "O trabalho é a manifestação do ser interior"[3] e uma porção de trabalho mal feito tem o seu efeito desfavorável.

"Nenhum homem precisa de compaixão por causa do seu trabalho," disse Theodore Roosevelt; "... por grande diferença, o melhor prêmio que a vida oferece é a oportunidade de trabalho árduo."

E Thomas Edson, conhecido por seu trabalho maravilhosamente produtivo, disse: "Nunca fiz nada de valor por acidente, nem nenhuma de minhas invenções se fizeram por acaso."

O que quer que se faça, deve ser excelente. A falsa atividade não só faz do trabalho algo enfadonho, mas também permite que a pessoa associada a atividades falsas tenda a deteriorar-se. Contentar-se com a mediocridade — meramente tocar o barco, detendo o que de que melhor há em nós e conseqüentemente limitando arbitràriamente o nosso esfôrço e produção — é um sinal alarmante. "Se você não deseja suicidar-se," disse Voltaire, "sempre tenha o que fazer." "Trabalho," disse o Dr. Orlando Battista, "é o remédio mais milagroso legado por Deus..."[4] Paulo deu-nos esta séria e penetrante conclusão: "A obra de cada um se manifestará."[5]

---

1. William S. Carlson, *"The Desire to Work."*
2. Atribuído a Fídias, séc. V a.C.
3. Carl F. H. Henry, *"The Dignity of Work."*
4. Dr. Orlando Battista, *"How to enjoy and get more fun out of life."*
5. I Cor. 3:13.

(continuação da pág. 25)

"Se fôres chamado para sofrer tribulações; se estiveres em perigo na terra ou no mar;

"Se fôres acusado com tôda sorte de falsidade; se teus inimigos cairem sôbre ti...

"E se fôres lançado na cova, ou nas mãos de assassinos, e receberes sentença de morte; e se fôres lançado no abismo; e se as vagas encapeladas conspirarem contra ti; se ventos furiosos tornarem-se teus inimigos; se os céus se nublarem tenebrosamente e todos os elementos em conjunto obstruirem o caminho; e acima de tudo, se as próprias mandíbulas do inferno escancararem a sua bôca contra ti, saibas tu, Meu Filho, que tôdas estas coisas te servirão de experiência e serão para o teu bem. (Idem 122:5-7)

É sòmente através do infinito e terrível sacrifício que Êle fêz por nós que podemos ser poupados das plenas demandas da justiça e do grande sofrimento das penalidades pelos nossos pecados diante de Deus. É sòmente através dêle que o terrível cativeiro da morte pode ser quebrado para cada um de nós. Êle é o nosso "Tudo." Sem Êle e o seu evangelho, estaríamos totalmente sujeitos ao desejo do demônio e dos seus servos. Quando Jesus informou seus discípulos que havia preparado um lugar para êles consigo e que sabiam para onde Êle estava indo e qual o caminho, Tomé perguntou: "Senhor, não sabemos para onde vais; como saber o caminho?

Sem Êle, o que há de esperança na vida para nós?

Ao mundo doentio de hoje nós, como santos dos últimos dias, diríamos que Êle vive e participa dos assuntos dêste mundo; que pessoalmente restaurou sua Igreja, dando contínua orientação e apôio; que está guiando os destinos e os assuntos dêste mundo para realizar os seus próprios intentos. Finalmente, proclamaríamos o testemunho do seu moderno profeta, Joseph Smith: "E agora, depois dos muitos testemunhos que se prestaram dêle, êste é o testemunho, último de todos, que nós damos dêle: que Êle vive!

Regozijamo-nos e convidamos tôda a humanidade a regozijar-se conosco na esperança, na alegria e na certeza que êste testemunho traz. Aqui encontramos o verdadeiro significado do Natal.

●

(continuação da pág. 38)

Deus nos deve ter ajudado, pois que não roubamos nem cometemos fraude. Eu não devia nenhum centavo a ninguém, exceto à tia Mercy, que tantas vêzes quanto possível prestava-me algum favor.

Durante todo aquêle tempo não fiquei devendo a ninguém, mas tinha de trabalhar — não podia ficar sem fazer nada.

E era outra vez Natal: não possuia um dólar em dinheiro para comprar qualquer coisa. Podia retirar um pouco de farinha, carne, melado ou coisa semelhante, adiantadamente, no Escritório Geral do Dízimo e pagar no fim do mês com o cupon do dízimo que era usado como dinheiro, o qual eu recebia em pagamento do meu trabalho, que muitas vêzes começava às 6 horas da manhã e terminava às 11 da noite, ganhando três dólares por dia.

Eu via muitos dissipando seu dinheiro em futilidades, com meios para satisfazer todos os seus desejos, os quais iam além das necessidades: montar um cavalo, gozar as horas de lazer, enquanto eu — todos nós! estávamos a pé e nos esforçando ao máximo para sobreviver. Nestas condições desanimadoras, um dia antes do Natal, deixei aquela velha casa que habitava com um sentimento que não posso descrever. Eu queria fazer algo pelas crianças. Queria comprar algo de que gostassem e que caracterizasse o dia de Natal — mas não possuia um centavo para isso!

Subi e desci a rua principal, olhando as vitrinas, tôdas as lojas — e então fugi das vistas do povo, sentei-me e chorei como uma criança, até que êsse desabafo aliviou o meu coração condoído; e depois de algum tempo voltei para casa, sem nada, como havia saído e brinquei com as crianças, agradecido e feliz... por êles...

Depois dessas tentativas, a minha senda tornou-se mais suave. Dei início, por meio de trabalho árduo, a uma rígida economia, negação própria, amor a Deus e prosperei.

Pequenas oportunidades se me apareceram e eu as desenvolvi... Oh! Que Deus seja louvado. Eu o abençôo. meu filho e a todos vocês. Que o Senhor abençôe os meus filhos!"

●

(continuação da pág. 29)

4. toma notas úteis
5. é simpático
6. senta-se onde pode ouvir
7. resiste às distrações
8. olha na direção de quem fala
9. é atento
10. faz perguntas
11. concentra-se
12. tem interêsse no assunto
13. adquiriu o hábito de ouvir
14. mantém-se atento.

Um mau ouvinte:

1. não se preocupa em aprender
2. é negligente e apático
3. não vê os pontos importantes
4. toma raras notas, se as toma
5. é hostil e talvez impolido
6. senta-se onde não seja notado
7. fàcilmente se distrai
8. olha em volta da sala ou pela janela
9. finge prestar atenção
10. não gosta de perguntas
11. entra e sai
12. acha o assunto impróprio
13. nunca aprendeu a ouvir
14. cansa-se com facilidade

Devemos todos apreciar devidamente a importância de ouvir. Todos nós precisamos saber o que caracteriza um bom e um mau ouvinte, porque muito da satisfação que temos em ensinar e grande parte do sucesso dos nossos estudantes na classe dependem de como foi resolvido o problema de ouvir.

Alguém já disse: "Mostre-me um bom ouvinte e eu lhe mostrarei uma pessoa inteligente."

PROGRAMA NOITE FAMILIAR

LIÇÕES PARA JANEIRO

1.ª SEMANA — NOSSO PAI CELESTIAL É UM DEUS DE AMOR

Introdução:

Quanto mais convencida estiver a criança do amor de seus pais terrestres, tanto mais ela poderá crer que seu Pai Celestial a ama. Como isto é fundamental para a vida religiosa das crianças, fica evidenciada a importância do seu papel de pai. Embora você tenha de disciplinar seus filhos algumas vêzes, não precisa temer que isso os venha tornar inseguros do amor de nosso Pai Celestial. Uma sábia disciplina é essencial e demonstra amor (Veja D&C 121:43).

Devemos ouvir as crianças atenciosamente, com respeito, e elogiá-las quando merecerem, desenvolvendo nelas, pacientemente, novos talentos, interessando-nos pelos seus problemas e ajudando-as a resolvê-los.

Encare seus filhos como filhos amados de Deus, confiados ao seu cuidado para serem instruídos no amor do Senhor.

1. *Como usar os versículos das escrituras*

Procurar os versículos aqui mencionados familizará os membros da família com as Escrituras e formará nêles o hábito de consultá-las.

As crianças se orgulharão de possuírem exemplares próprios. Há edições dos quatro livros-padrão a preços bastante acessíveis.

2. *O valor de saber que o nosso Pai Celestial nos ama*

Que diferença faz em nossas vidas, sabermos que o nosso Pai Celestial nos ama?

Os membros de sua família discutirão êste assunto mais fàcilmente se você propuser problemas reais, com os quais estejam familiarizados.

EXEMPLOS:

- Um garôto teme dormir no escuro e acorda à noite chorando. Que diferença faria se êle pudesse compreender que seu Pai Celestial o ama? Ora, qualquer que ame deseja ajudar. Sabendo que é amado por seu Pai Celestial, o garôto certifica-se de que Êle o ajudará a vencer o mêdo da escuridão.

- Um garôto tímido e desajeitado é infeliz por não ter amigos de sua idade. Que diferença faria se estivesse seguro de poder contar com o amor de seu Pai Celestial? O Pai o ajudaria a fazer amigos; o fato de ser amado pelo Pai Celestial o faria sentir mais amor próprio e lhe daria mais confiança em si mesmo.

Há uma premente necessidade em nossas vidas, de saber que o Pai Celestial é uma pessoa real, de grande poder e inteligência e que nos ama. Essa certeza ajuda-nos a ficarmos livres da ansiedade e do pânico e dá-nos, além disso, compostura e confiança.

3. *Jesus nos ensina que nosso Pai Celestial é um Deus de amor*

Nos tempos do Velho Testamento, pensou-se em Deus como o Grande Criador, o Juiz e o Governante. De fato Êle o é, mas Jesus ensinou que nosso Pai Celestial é, antes de tudo, um Deus de amor. O nosso Salvador comparou-o a um pai terrestre, que ama seus filhos sem egoísmo, referindo-se a Êle como "Meu Pai" e "Vosso Pai" (Veja Mateus 7:9-11).

4. *Por seu amor, nossos pais nos ensinam o amor do Pai Celestial*

Para ajudar a família a compreender o amor de nosso Pai Celestial, use as suas experiências pessoais ou relate êstes incidentes:

— Durante uma conferência, a espôsa de um presidente tentava, em vão, reconhecer na audiência, o pai de um missionário. Ao discursar o missionário, a face de um homem destacou-se, iluminada de orgulho e de amor. Ela já o suspeitara, mas agora sabia, com certeza, quem era o pai do missionário. — Diga a seus filhos que você sentir-se-ia da mesma forma ouvindo-os discursarem. Peça-lhes para imaginarem que o amor de nosso Pai Celestial é igualmente grandioso.

Recordando sua juventude, diz um homem respeitável. "O que me permitiu viver em retidão foi o amor de meu pai. (A mãe lhe morrera logo após seu nascimento). Sou um ser diferente hoje, graças ao seu amor. Errei várias vêzes e fàcilmente me teria envolvido em graves problemas se o seu amor não me tivesse acudido sempre, no momento exato. Sabendo que era amado, eu não podia praticar certos atos, embora bastante tentado. Estou surprêso e grato por que êle continuou a me amar, a despeito dos meus inúmeros êrros.

Se um pai terrestre vai a extremos para demonstrar compreensão e amor por um filho difícil, estejamos certos de que o nosso Pai Celestial faria ainda mais por nós. (Veja Lucas 15:11-32).

Durante nove anos, um jovem, acidentado por um automóvel, estêve confinado numa cadeira de rodas. Seu pai, advogado, retornou à anterior atividade de professor e durante todo êsse tempo dedicou-se ao ensino do filho. O rapaz formou-se em direito e agora ambos trabalham juntos no mesmo escritório.

Êste incidente mostra-nos o que faz o amor de nosso Pai Celestial (Veja Moisés 1:39).

5. *As escrituras nos ensinam que nosso Pai Celestial nos ama*

A família deve ler em conjunto e fazer uma apreciação das seguintes referências: Mt. 10:29-31; Rom. 8:38-39.

6. *O que a família pode fazer para tornar o amor do Pai Celestial uma fôrça vital*

Para despertar nas crianças a consciência do amor de nosso Pai Celestial, sugira-lhes notarem a maneira pela qual a mãe expressa o seu amor por elas. (A mãe deve fazer o mesmo pelo pai.)

Os pais poderão compreender melhor o amor do nosso Pai Celestial demonstrando amor pelos filhos, de tôdas as maneiras que puderem (Veja I João 4:8). Respondendo-lhes cortezmente, sendo obedecidos sem ter de gritar, ensinando-lhes a notar as pequenas coisas cotidianas, tais como: "Mamãe lava minhas roupas e prepara as minhas refeições, ensina-me a cozinhar, faz-me curativos quando me machuco e ensina-me a cantar. "Papai ganha dinheiro para comprarmos roupas e alimentos, conserta os meus brinquedos, ensina-me a usar ferramentas e conta-me histórias."

Torna-se, assim, evidente que o nosso Pai Celestial os ama tanto, que planejou para êles êsses adoráveis pais. Por isso êles podem ter certeza do seu amor.

PROGRAMA SUGERIDO

1.a semana

Hinos: "A alma é livre", n.º 55
Oração:
Objetivo: Ajudar a família a compreender que cada qual é amado pelo Pai.
Poesia: Pelo Pai.
Memorização: D&C 121:43.
Atividade: Ajudar a mãe a escolher feijão para o mês todo.
Hino: À escôlha.
Oração:
Lanche: Pudim de leite condensado.

2.ª SEMANA — SABER QUE O PAI CELESTIAL NOS AMA TORNA-NOS TRANQÜILOS

1. *Os pais e os adultos precisam destas lições*

Certa mãe disse: "Meu marido e eu não precisamos destas lições, porque estamos completamente familiarizados com as doutrinas da Igreja. Ficamos, porém, alegres ao apresentá-las por causa de nossos filhos." Tais adultos esqueceram a finalidade destas lições. O propósito delas é mostrar aos adultos e às crianças, como *aplicar* os princípios do Evangelho em suas vidas. Os adultos e as crianças precisam trabalhar tôda a vida para melhor viver os ensinamentos do Evangelho.

2. *A sensação de segurança provém de conhecermos o amor do nosso Pai Celestial por nós*

Comece esta lição perguntando: Como se sente quando está na presença de alguém que, você ter certeza, não gosta de você? Se fôr possível, conte um caso real e diga exatamente como se sentiu. Alguém que tenha passado por tal experiência dirá, certamente, que sentiu-se receoso, embaraçado, que teve dificuldade de falar e sentiu-se tenso e cheio de mêdo.

Agora, pergunte. Como se sente quando está na presença de alguém que o ama? — Saliente que há um sentimento de calor, confôrto, segurança e ausência de mêdo. Êsse é o sentimento que temos quando compreendemos que nosso Pai Celestial nos ama.

3. *Uma mulher é ajudada a vencer o mêdo*

Certa senhora tinha um grande mêdo de falar em público, embora fôsse obrigada a fazê-lo freqüentemente, por exigência de sua profissão. Ela já tinha falhado diversas vezes e estava tão humilhada que já pensara em pedir demissão do emprêgo. Foi quando apareceu uma nova oportunidade de falar e ela resolveu tentar mais uma vez.

Para isso, preparou-se cùidadosamente e orou com fervor, pedindo a ajuda do Senhor. À medida que o dia se aproximava, mais ela rogava ao Senhor que lhe tirasse aquêle mêdo, embora continuasse quase doente de ansiedade.

Minutos antes de falar, estava em pânico; e então, um pensamento veio-lhe à mente: "Pense sòmente na importância da mensagem que vai dar e no que ela significará aos outros."

Refletiu nesse momento consigo mesma: "Acredito que o desejo do Senhor é que eu dê esta mensagem e Êle me dará fôrças." Acalmou-se e fêz um excelente discurso. Sempre acreditou que foi o Pai Celestial quem lhe deu os pensamentos que amenizaram os seus temôres. Discuta:

Como o mêdo nos pode atrapalhar? Se os familiares não responderem prontamente, formule estas perguntas: De que maneira o mêdo do médico ou do dentista pode nos prejudicar? Como poderia o mêdo nos afastar de uma responsabilidade? Que prejuízo pode nos causar o mêdo de não sermos populares?

1. Pode enfraquecer nossa saúde.
2. Pensem na mulher que quase desistiu do emprêgo por ter mêdo de falar.
3. Pode nos levar a fazer coisas tôlas e erradas das quais nos arrependemos, como Pedro se arrependeu de ter negado a Cristo.

Saliente que o mêdo anormal nos impede de sermos o melhor que podemos, como aconteceu com Pedro.

4. *Nosso Pai Celestial nos diz: "Não temais"*

Nosso Pai Celestial não deseja que tenhamos mêdo. Várias e repetidas vezes Êle nos deu essa mensagem através de seus profetas.

Peça aos familiares para abrirem a Bíblia em II Timóteo 1:7 e lerem juntos as palavras do apóstolo ao seu jovem amigo Timóteo.

"Porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, de amor e de moderação."

Êste versículo nos diz que os temôres anormais não provêm de nosso Pai Celestial e, por isso, devem ser produto da nossa imaginação.

Quais são os dons que o nosso Pai Celestial nos dá? (Êle nos deu seu amor, o dom de dominar nossos temôres e o dom de uma mente sã.) Depois da morte de Moisés, Josué recebeu ordens do Senhor para conduzir o povo de Israel à terra que o Senhor lhes havia prometido. Seria natural que Josué sentisse mêdo em tal ocasião — temor de que pudesse ser incapaz de conduzir o seu povo, e mêdo de que pudesse haver luta quando êle tomasse a terra do povo que lá vivia. O Senhor sabia o que havia no coração de Josué, tanto assim que repetidamente o confortou e lhe disse para não ter mêdo. Leiam juntos as palavras do Senhor ao seu servo Josué.

> "Não te mandei eu? Esforça-te, e tem bom ânimo; não pasmes, nem te espantes; porque o Senhor teu Deus é contigo, por onde quer que andares."

A história que vamos contar passou-se quando não havia ainda telefones nem automóveis.

Uma noite o pai de Joãozinho adoeceu repentinamente. A mãe, relutante, acordou-o e disse-lhe que êle teria de ir a cavalo à cidade para buscar um médico. Ela sabia que Joãozinho era muito jovem para fazer uma longa viagem a cavalo, à noite, sòzinho, mas não havia outro jeito.

Joãozinho saiu, sentindo o maior mêdo que já sentira em tôda sua vida. A noite estava muito escura e não havia uma casa sequer até a cidade.

Seu mêdo aumentou ainda enquanto cavalgava. Em dado momento uma coruja voou sôbre êle, o que quase o fêz morrer de pavor. Finalmente chegou à casa do médico e comunicou-lhe o ocorrido.

O médico elogiou Joãozinho pela sua bravura, mas êle protestou, "Não sou nada valente, estava com um medão durante todo o trajeto!" "Mas," disse o sábio médico, "Você não cedeu ao seu mêdo. Todos têm mêdo. O que conta é o que você faz quando tem mêdo."

5. *Aos pais com crianças em idade escolar*

A coisa mais importante que você pode fazer por seus filhos é ajudá-los a ter fé no Pai Amado, que criou um mundo que é bom — um mundo que é amigo dêles. Ajude-os a associarem sentimentos agradáveis com as coisas que as rodeiam, as quais lhes causam mêdo. As crianças podem aprender a gostar do escuro, de raios, de animais, etc. Os pais agirão bem não falando sôbre mêdo, mas em lugar disso, das maneiras pelas quais os filhos de nosso Pai podem nos ajudar e nos trazer alegria. Tal aproximação ajudará tanto os filhos que não têm mêdo como os que têm. Se uma criança tem mêdo de um médico ou de um dentista, ela pode ser ensinada que êles são amigos tentando ajudar o nosso Pai Celestial a fazê-la feliz.

DESIGNAÇÃO PARA A SEMANA

Cada pessoa deverá fazer escôlha de certo mêdo, o qual tentará sobrepujar durante a próxima semana. Depois de os membros da família terem feito suas listas, peça a todos que olhem uma vez mais para elas e decidam a maneira pela qual sobrepujarão êsses temôres.

PROGRAMA SUGERIDO

2.a semana

Hino: "Deus trabalha misteriosamente", n.º 64.
Oração:
Objetivo: Ensinar os membros da família a sobrepujarem o mêdo, por saberem que o Pai Celestial os ama.
Memorização: II Timóteo 1:7.
Atividade: Brincar de lenço atrás.
Hino: "Deus escuta-nos orar", n.o 75.
Oração:
Lanche: Gelatina de uva.

3.ª SEMANA — O PAI CELESTIAL RESPONDE NOSSAS ORAÇÕES DA MELHOR MANEIRA

1. *Revisão da lição da semana passada*

Deixe a família contar algumas experiências recompensadoras que tiveram durante a semana, por terem aprendido que não necessitam ter mêdo, pois o amor de nosso Pai Celestial os apoiará em qualquer empreendimento digno.

2. *O Pai Celestial nos ajuda porque nos ama*

Deixe cada membro da família dizer o que o faz saber que o Pai Celestial o ama. Conte o seguinte incidente para ajudar a estabelecer o conceito:

GASTÃO VAI À ESCOLA

Gastão, que tinha 14 anos de idade, feriu gravemente a perna na escola. Teve de ficar de cama durante 3 semanas. O médico disse que êle não deveria descansar todo o peso do corpo na perna por uns 2 meses. Teria que usar muletas. Os professôres de Gastão disseram que se êle perdesse mais dois meses de aula não poderia passar. Gastão estava aborrecido. Não queria perder um ano inteiro de estudo. Morava a uma curta distância da escola mas, ainda assim, era longe demais para ir de muletas. Gastão disse aos pais: "Por favor, encontrem uma solução para eu chegar à escola". Mas não havia transportes. O velho carro fôra vendido, e os pais não tinham o suficiente para comprar um nôvo nem mesmo alugar algum.

Discuta: Que pensam que acontecerá? Gastão terá de ficar em casa e perder as aulas?

Após a discussão, complete a história: O pai de Gastão fêz um carro especial para conduzí-lo à escola tôdas as manhãs. À tarde o pai ou o irmão maior iam até a escola e o traziam para casa.

Porque será que o pai de Gastão teve todo êsse trabalho para êle continuar na escola?

Deixe cada membro da família dizer o que o faz saber que nosso Pai Celestial o ama.

Nos primeiros dias da Igreja, quando os santos foram expulsos pela turba de seus lares em Missouri, o Profeta Joseph Smith e outros líderes foram encarcerados. Êles oraram para que o Senhor pudesse protegê-los de seus inimigos; ainda assim foram prêsos. Oraram, então para que o Senhor abrisse caminho para êles e os libertasse, a fim de poderem ajudar seu povo. Êstes homens foram profetas de Deus. O Senhor tinha estabelecido a Sua Igreja através do profeta Joseph Smith e lhe dera visões e revelações miraculosas. Não obstante, o profeta juntamente com os outros, foi encarcerado durante um período de quase seis meses. Sabemos que isso não significa que o nosso Pai Celestial não quisesse responder às orações do Profeta. Êle disse a Joseph Smith: (Leiam juntos a passagem em Doutrina e Convênios 121-7, 8)

"Meu filho, paz seja com a tua alma; a tua adversidade e as tuas aflições serão só por um momento.

"E então, se as suportares bem, no alto, Deus te exaltará; tu triunfarás sôbre todos os teus adversários."

Se houver crianças de idades diferentes na família, explique ou peça à criança mais velha para explicar às menores o significado dêstes versículos em palavras simples.

O Senhor também disse a Joseph Smith enquanto estava na prisão "Pois Deus está contigo para sempre e sempre". (D&C 122:9)

Os adultos e as pessoas de mais idade poderão ler D&C 121:1-33, e tôda a Seção 122 para reforçar a idéia de que o nosso Pai Celestial tinha um propósito ao responder suas orações.

Use a seguinte história e versículos do Livro de Mórmon para mostrar à família que, quando oramos pelo que é certo, nosso Pai nos atende. Nefi, filho de Lehi, era um homem bom, que vivia pelos mandamentos do Senhor. O Senhor tinha respondido suas orações e Nefi recebera revelações. Êle tinha orado para saber como construir um navio a fim de atravessar o oceano, e o Senhor lhe havia mostrado.

Durante a viagem, seus irmãos Lamã e Lemuel tornaram-se furiosos e o amarraram para que não se movesse. Nefi orou ao Pai Celestial pedindo ajuda. Sua espôsa e filhos, seu pai e sua mãe, seus irmãos mais moços imploraram a Lamã e Lemuel que o libertassem, mas êstes o negaram. Uma grande tormenta se levantou, o navio foi dirigido para trás, durante três dias. No quarto dia a tormenta estava tão forte que Lamã e Lemuel ficaram com mêdo que o navio afundasse, e libertaram Nefi.

Nefi orou para que a tormenta cessasse, então "... houve uma grande calmaria, e navegamos com rumo à terra da promissão."

Nefi sabia que o nosso Pai Celestial o amava, e disse: "Êle encheu-me do seu amor". Leia novamente o versículo que mostra o que Nefi sentia a respeito da resposta à sua oração pelo Pai Celestial:

"Sim, sei que Deus dá com liberalidade aos que pedem. Sim, Deus dar-me-á, se eu não pedir impròpriamente; portanto levantarei minha voz a Ti; sim, clamarei a Ti, meu Deus, ó rochedo da minha justiça. Eis que minha voz eternamente se levantará para Ti, meu rochedo e meu eterno Deus. Amém."

COMO PAPAI AJUDOU MIRIAM

Miriam era bastante forte em aritmética, mas em álgebra era fraca, achava a matéria cacête, por isso, disse ao pai "Papai o senhor podia fazer a lição de álgebra para mim? É uma lição muito difícil e para o senhor é tão fácil!"

Discuta: Se o pai de Miriam a ama, como responderá ao seu pedido?

Os seguintes pontos devem ser salientados:

Miriam poderá compreender a álgebra se fôr ajudada e se fizer esfôrço. Por outro lado, será mais rápido e mais fácil para o pai resolver o problema do que ajudar Miriam a solucioná-lo.

O seu amor e o seu respeito pela filha fazem-no desejar que ela sinta a alegria de fazer as coisas por si mesma.

Peça a cada membro da família para pensar em algum problema ou responsabilidade para os quais precise de ajuda do Pai Celestial. Seria bom que cada um escrevesse êsses problemas num caderno ou numa fôlha de papel.

Aquêles que desejarem, poderão contar à família o alvo que têm em vista, assim, tôda a família orará em conjunto para que êsse objetivo se realize.

3. *Para pais com filhos em idade pré-escolar*

Você conhece seus filhos melhor do que ninguém. Quando ler uma lição, escolha as partes que êles possam compreender. É uma habilidade que crescerá ao continuar a adaptar as lições às necessidades de sua família.

As sujestões abaixo mencionadas poderão ajudá-lo:

1.º As crianças apreciarão o que fôr dito sob o título "Os pais ajudam os seus filhos porque os amam." Procure usar incidentes de suas próprias vidas.

2.º Todo o material sob o título "Nosso Pai Celestial nos ajudará porque nos ama" está dentro das possibilidades de compreensão da criança. Você pode substituir uma história por outra de sua própria experiência ou ajudar um dos seus filhos a fazer alguma coisa que êle deseje fazer e você sinta que é bom para êle. A criança deverá ter certeza de que o Pai Celestial a ajudará da mesma forma.

PROGRAMA SUGERIDO

3.a semana

Hino: "Ouve minha oração", n.º 173.
Oração:
Objetivo: Ajudar a família a compreender que devido ao amor do Pai por nós, êle nos ajudará da melhor maneira.
Representação: pelos pais.
Memorização: D&C 121:7,8.
Atividade: Engraxar os sapatos de tôda a família.
Hino: Redentor de Israel, n.º 103.
Oração:
Lanche: Pastel de palmito.

4.ª SEMANA — OS MANDAMENTOS DE DEUS SÃO A ORIENTAÇÃO DE UM PAI AMOROSO

Há quem pense que os mandamentos de Deus são apenas restrições à sua liberdade e uma limitação aos seus divertimentos. Pensam que são apenas normas que Êle estabeleceu arbitràriamente. O objetivo desta lição é ensinar você a fazer a família compreender que o Pai nos ama. Êle deseja que tenhamos felicidade e alegria. Êle sabe que isso sòmente é possível se fizermos certas coisas e, assim sendo, Êle nos disse para fazermos essas coisas. Essa orientação é chamada de "mandamentos de Deus". Para ajudar os filhos a compreenderem a significação dos mandamentos, compare-os às normas que os pais dão aos filhos no lar.

1. *Atenção dos pais*

1. É preciso dizer mais do que "Honre seus pais", para que as crianças o façam. Isso depende principalmente dos pais. A criança geralmente honra o pai que é firme no seu amor e que é perseverante em fazê-la obedecer as regras da família.

2. Selecione os assuntos desta lição que se apliquem à sua família.

Prepare a lição tendo em mente a família. Usar sòmente as partes que possam ter mais significação para elas. Não tenha mêdo de omitir algo que seja muito infantil. Há em cada lição alguma coisa para tôdas as idades. É provável, porém, que as coisas de uma lição não se ajustem exatamente a tôdas as famílias. Mantenha êsse objetivo em mente quando preparar a lição para sua família.

2. *O que vem a ser mandamento*

Pergunte:

Qual dos mandamentos do nosso Pai Celestial que acabamos de obedecer? (Deixe as crianças menores da família responderem.)

Porque nos deu Êle o mandamento de orar? (Deixe a família discutir).

As crianças menores geralmente têm apenas uma vaga idéia do que seja mandamento. Para ajudá-las a compreender, peça a cada uma delas para fazer alguma coisa agora. Por exemplo, você pode dizer a uma delas para fechar ou abrir uma porta, à outra para pegar um lápis, à outra, ainda, para trazer-lhe um livro, etc. Então explique que quando você diz a uma pessoa para fazer uma coisa, está dando um mandamento, apesar de não chamá-lo assim. Um mandamento é um pedido ou uma ordem para fazer alguma coisa.

Se não houvesse nenhuma norma que estabelecesse horário na escola, diàriamente, que aconteceria?

Se não houvesse leis de trânsito, que aconteceria?

Se não houvesse leis em nossa cidade, que aconteceria?
(As pessoas poderiam roubar ou matar sem mêdo de receberem punição.
As ruas não seriam varridas, o lixo não seria recolhido, etc.).

Deixe a família discutir o que seria um lar sem regras. Use a seguinte ilustração para mostrar a confusão que reinaria:

3. *Um lar sem normas*

Vamos supor que você viva num lar onde não haja regras ou regulamentos. Ninguém lhe diz o que deve fazer. Ninguém tem tarefas ou responsabilidades. Poderá sair quando lhe agradar, levantar quando quiser, ir para a cama e comer quando sentir vontade. Como não há regras para seguir, nada do que você faz está errado. Isso lhe parece divertido? Você poderá deixar de ir à aula, se quiser.

Agora, suponha que você decida ir para a cama muito tarde da noite, se levantará na manhã seguinte muito tarde, depois de a aula já ter começado.

Você está faminto mas como não há regras em seu lar, ninguém preparou-lhe o desiejum. Você encontra um pouco de leite e abre o guarda-comida para pegar uma tijela, mas os pratos estão todos na pia, sujos. Ninguém gosta de lavar pratos e nenhuma regra diz que é preciso lavá-los. Você encontra uma tijela e lava-a, despeja o leite e abre o armário para pegar o açúcar. Não há açúcar, então decide comer pão com manteiga. Mas não há pão. Como você vê, não havendo regras para o pai nem para a mãe, ninguém é responsável pelas compras no armazém.

Bem, então você decide vestir-se mas não pode encontrar suas roupas. Não há normas que digam que você as deva colocar em determinado lugar no quarto quando se despe, e você não pode se lembrar o que fêz com elas. Procura, mas há, porém, uma pilha de coisas ao seu redor, porque não há regra que diga que alguém tem de colocar as coisas em seus devidos lugares; procurar suas roupas é como procurar uma agulha em palheiro.

Você decide que irá pegar algumas roupas limpas na gaveta — alguém mais as usou. Não há normas que evitem isso.

Sem nenhuma norma no lar, as coisas poderiam sair muito mal.

Se não houvesse regulamento que fizesse papai sentir-se responsável para trabalhar e ganhar dinheiro para comprar o que a família necessita, talvez não levasse muito tempo para não haver alimento e roupas ou mesmo uma casa para nós vivermos. Então, podemos nos sentir agradecidos por haver normas, leis e mandamentos para serem seguidos.

4. *Os pais têm normas porque amam seus filhos*

Conclue-se do exemplo acima que se os pais amam seus filhos, êles terão regras familiares para seguirem. Pense em algumas das regras de sua família que não tenham sido observadas. Discuta essas normas perguntando: Por que temos esta norma em nosso lar? Saliente que é porque você ama sua família. Exemplifique a lição com as seguintes histórias:

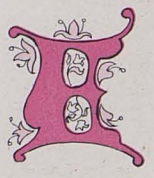
A família Pereira morava numa rua de muito movimento. Paulinho, que tinha dois anos, gostava muito de uma cachorrinha chamada Bilú. A família Pereira tinha por norma que Paulinho não deveria atravessar a rua, a menos que um membro mais velho da família estivesse com êle. Paulo foi avisado muitas vêzes para não atravessar a rua. Êle era muito pequeno para compreender a norma, por isso, continuou a atravessar a rua numa corrida, sempre que não fôsse vigiado: Discutir: Por que os Pereiras tinham por norma que Paulinho não atravessasse a rua sòzinho? (Sabiam que isso era perigoso e amavam muito a Paulinho). Certo dia o sr. Pereira estava passeando com o filho, quando Paulinho viu Bilú atravessar a rua e correu atrás dela, com o risco de ser atropelado pelo automóvel que passava no momento. O pai puxou-o para trás e deu-lhe umas palmadas.

Discuta: Por que o pai de Paulinho deu-lhe palmadas? Foi isso uma punição? (O pai de Paulinho amava-o e queria salvá-lo de um desastre. Sabia que o único meio de ensinar a Paulinho a norma, enquanto êle era novinho, seria bater nêle.)

PROGRAMA SUGERIDO

4.a semana

Hino: "A verdade é nosso guia", n.º 106.
Oração:
Objetivo: Ajudar a família a obedecer os mandamentos do Pai, compreendendo que êle nos deu mandamentos porque nos ama.
Canção: Por um trio (mãe filhos).
Memorização: João 14:15.
Atividade: Pôr as fôlhas de genealogia em dia.
Hino: "Damos-te graças", n.º 129.
Oração:
Lanche: Bombons.



aconteceu que, ausentando-se dêles os anjos para o céu, disseram os pastôres uns aos outros: Vamos pois até Belém e vejamos isso que aconteceu, e que o Senhor nos fêz saber.



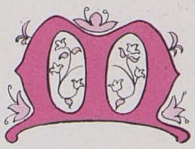
foram apressadamente, e acharam Maria e José e o menino deitado na manjedoura.



vendo-o, divulgaram a palavra que acêrca do menino lhes fôra dita.



todos os que a ouviram se maravilharam do que os pastôres lhes diziam.



as Maria guardava tôdas estas coisas, conferindo-as em seu coração.

— do segundo capítulo de Lucas



E no mesmo instante, apareceu com o anjo uma multidão dos exércitos celestiais, louvando a Deus e dizendo, Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens.

22 DEC 1966